

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

Sylvio Rogério Ribeiro da Costa

**Participação masculina na Universidade para a Terceira Idade:
Homem idoso ... onde está você?**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

**SÃO PAULO
2008**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Sylvio Rogério Ribeiro da Costa

**Participação masculina na Universidade para a Terceira Idade:
Homem idoso ... onde está você?**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a. Doutora Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

**SÃO PAULO
2008**

Banca Examinadora

Você nasce sem pedir
E morre sem querer.
Aproveite o Intervalo!



Eduarda, 15 dias

Dedicatória

Eduarda e Kamyli,

As minhas duas princesinhas (netas queridas),

Agradecimentos

À Deus, pela presença constante no meu caminhar.

Aos meus filhos, José Gustavo, Paulo Rogério, Sara e Lucas, que sempre acreditaram na minha capacidade e tiveram paciência nos meus momentos de impaciência.

À minha mãe, Maria Júlia, Nini e ao meu pai-drasto, Silvinho, presentes em várias etapas.

À minha irmã Elaine, Cunhado e Sobrinhos eternos em minha vida.

Ao meu genro, Diego e minha nora, Andressa, pelo carinho e dedicação nos momentos em que precisei.

À Ângela Ventura, uma amiga que me acolheu sempre com o maior carinho em vários momentos dessa caminhada.

À Amália, mulher de fibra, autêntica, verdadeira, transparente e amiga, que colaborou para que o meu mestrado se tornasse realidade.

Ao CEES - Sheila, Cláudia, Amália, seu corpo docente, discente e funcionários (em especial a Sol) que souberam entender as minhas ausências quando necessárias.

Ao meu sobrinho amado, Pedro Henrique, que me cedeu seu quarto para acolher os meus livros e a minha pessoa; à minha afilhada, Flávia, e sua mãe, pelo carinho e preocupação.

À Direção do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional e seus Departamentos, especialmente ao Professor Doutor José Luís Vianna da Cruz, que apostaram na minha capacidade, liberando-me das atividades administrativa para cursar o mestrado.

À Renata, apesar da distância, amiga eterna para todas as horas, um presente conquistado no mestrado.

À companheira de estrada, autêntica, brigona e amiga, Beth.

À amiga de todos os momentos, bons ou ruins, Mônica.

Às bibliotecárias do ESR, Eliane e Jane, que contribuíram com a sua sabedoria e experiência profissional.

À Marli Pessoa Bastos, amiga do peito.

À Daniel Codeço, colega amigo, sempre quando solicitado.

À Ivana, Rosany e Lúcia Bastos, torcedoras de minha trilha.

À Professora Doutora Vera Lúcia Valsecchi de Almeida amiga, carinhosa e sensível que muito ajudou para o meu crescimento intelectual.

Ao corpo docente do Programa de Gerontologia da PUC/SP que ajudou a engrandecer os meus conhecimentos.

À minha orientadora, Prof^{ta} Doutora Ruth Gelehrter da Costa Lopes não tenho palavras para expressar meu agradecimento à atenção dispensada nessa minha etapa da vida.

Aos alunos da UNITI, atores e coadjuvantes deste trabalho. Muito Obrigado. A vocês, eu dedico a maior parte do meu esforço.

Agradecimentos Especiais

A Sílvia Sales, Denise Juncá, Crediston Ferreira e Elizabeth Rueb, mais que amigos e irmãos. Estrelas que sempre brilharam no meu caminho e sempre acreditaram em mim, não me deixando desistir nunca. Companheiros de todas as horas. Obrigado pela confiança e a sua existência.

Minha verdadeira gratidão a vocês.

RESUMO

O cotidiano da Universidade para a Terceira Idade – UNITI, Projeto de Extensão localizado no município de Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, tem apontado para o fato de que, desde sua criação em 1994, este é um território ocupado prioritariamente por mulheres. *Homem idoso... onde está você?* constituiu-se em nosso foco de investigação. Esta é a indagação que logo surgiu, levando-nos a elaborar uma proposta de pesquisa, cujo eixo de análise encontra-se na articulação da dimensão de gênero ao envelhecimento. Para as mulheres, os grupos de convivência ou universidades para a terceira idade surgiram como forma de inserção social e propiciam um caráter excepcional à velhice, vivendo-a de forma diferente dos homens que, geralmente, ou refugiam-se no convívio doméstico ou ocupam bares e esquinas, em sua fase pós-aposentadoria, por acharem que grupos de convivências são “coisas de mulheres” ou “clubes da Luluzinha” e, até mesmo, “lugar de velhos”. Objetivamos traçar um perfil dos idosos do grupo de ex-alunos da UNITI, investigando os significados atribuídos à essa etapa da vida pelo homem idoso no processo de envelhecimento, e as possíveis implicações em suas vidas.

Palavras-chave: Envelhecimento, Gênero, Universidade para a Terceira Idade

ABSTRACT

The routine at the Third Age University, an extension program offered in Campos dos Goytacazes, a town in the State of Rio de Janeiro, since its creation in 1994 has pointed this program to be a place mainly occupied by women. *“Aged man ... where are you?”* is the focus of our investigation. The interrogation soon emerged moving us to propose a research that has as central axis the articulation of the gender dimension with aging. Women see the groups for close association or third age universities as a way of social insertion that give an exceptional character to old age, different from men who usually when retired take refuge in home living or seeking bars or street corners because they see groups for close association as things appropriate for women or as a despised club and even as place for senile persons. Our objective is to portray a profile of the elderly former participants in the Third Age University, investigating the meanings aged men attribute to this stage of life and the possible consequences in their lives.

Key words: Aging, Gender, University for the Third Age

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
ENVELHECIMENTO: CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES...	17
1.1 ALGUNS NÚMEROS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL	20
1.2 IDOSO E SOCIEDADE NO BRASIL	25
1.3 O COTIDIANO DA VELHICE E A QUESTÃO DO TRABALHO	32
CAPÍTULO II	
ENVELHECENDO MAIS E MELHOR	46
2.1 OLHANDO A VELHICE: ESPELHO ... ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS VELHO DO QUE EU?	46
2.2 O IDOSO QUE CALA E AS UNITIs QUE FALAM	55
CAPÍTULO III	
HOMEM IDOSO ... ONDE ESTÁ VOCE?	65
3.1 PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES E ALGUMAS ESCOLHAS	65
3.2 VELHICE: UMA QUESTÃO RELEVANTE	72
3.3 CAMINHO METODOLÓGICO	75
3.4 CONTANDO NÚMEROS	79
3.5 CONTANDO ESTÓRIAS DA UNITI	86
CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFIA	105

INTRODUÇÃO

**É isso aí
Como a gente achou que ia ser
A vida tão simples e boa
Quase sempre
É isso aí
Os passos vão pelas ruas
Ninguém reparou na lua
A vida sempre continua
Eu não sei parar de te olhar
Eu não sei parar de te olhar
Não vou parar de te olhar
Não sei parar
De te olhar...**

(Ana Carolina)

“É isso aí..., como a gente achou que ia ser..., a vida tão simples e boa..., quase sempre ...é isso aí.. os passos vão pelas ruas...”. Assim diz a música “É isso aí”, interpretada por Ana Carolina. Assim dizemos nós, quando o tema é a terceira idade. Tema que comporta reflexões sobre exclusão, preconceito, direitos sociais, cidadania, e tantos outros aspectos.

Neste momento, porém, nosso foco encontra-se na seguinte questão:
Homem idoso ... onde está você?

Nosso olhar se volta para a UNITI – Universidade para Terceira Idade, um Projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense, criado em 1994, do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, no Departamento de Serviço Social de Campos, interior do Estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de refletir sobre as questões voltadas para o envelhecimento.

Nossa aproximação com a temática deu-se a partir de um convite para participar inicialmente dos Ciclos de Debates, ministrando aulas que tinham como tema: “Comunicação: a chave para um bom entendimento”, que abordava questões voltadas para a relação intra e interpessoal, onde discutimos sobre o poder que a comunicação tem sobre as pessoas e a importância e os riscos que os indivíduos enfrentam em relação ao “diálogo” e aos conflitos que este pode gerar.

Verificamos que a demanda para freqüentar a UNITI era, em sua grande maioria, do sexo feminino. Isso nos despertou indagações e o interesse em buscar um melhor entendimento em torno de questões ligando o envelhecimento à questão de gênero:

- O que é feito da velhice, em especial da masculina, no processo de aposentadoria e qual a posição do homem frente à sua inserção social após esse processo?
- Qual o significado do espaço universitário na educação continuada para o idoso?
- Por que o Projeto Universidade para a Terceira Idade não consegue atrair da mesma forma, homens e mulheres?
- Quais os motivos de tão baixos índices de participação dos homens nos grupos de convivência e/ou Universidades para a Terceira Idade?

Esta última questão, em especial, tem aguçado nosso espírito investigativo durante os últimos anos e, para melhor construirmos nossa problematização em torno da mesma, buscamos alguns autores que consideramos relevantes para a orientação de nosso caminho, como: Beauvoir, Mercadante, Rodrigues, Moragas, Debert, Paschoal, dentre outros. Tais autores ajudaram-nos a fundamentar nossas reflexões diante da construção do envelhecimento de homens e mulheres e, principalmente, sobre a ausência dos homens nos programas voltados para o segmento da população idosa.

A nossa opção metodológica partiu, inicialmente, do estudo documental das fichas de inscrição e dos relatórios de avaliação elaborados ao final de cada ano letivo da Universidade para a Terceira Idade. Recorremos, também, à análise dos registros dos diários de campo que elaboramos face à observação participante realizada na trajetória histórica da UNITI. Fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas com 12 idosos do grupo de ex-alunos, sendo 4 homens e 8 mulheres, além de 4 homens que não faziam parte de tal projeto de extensão, sabendo que 2 ainda trabalham.

Com tal opção metodológica, a nossa dissertação tem a preocupação não só com uma análise teórica, mas também com o aprimoramento de uma escuta sobre o que os idosos têm a nos dizer. Privilegiamos, assim, uma análise quanti-qualitativa, baseada na reflexão dos relatos dos homens e mulheres da Universidade para a Terceira Idade, na intenção de construir uma maior aproximação com o tema da velhice, problematizando a ausência do homem diante das iniciativas das UNITIs e Grupos de Convivência.

Objetivamos, com nossas análises, identificar o significado da participação de homens e mulheres no espaço da Universidade para a Terceira Idade; analisar o

significado atribuído pelos idosos às prováveis mudanças em suas vidas provocadas pela velhice; refletir sobre a percepção das mulheres e dos homens em relação à participação minoritária de homens.

Com base nas primeiras inquietações apresentadas, no primeiro capítulo abordaremos alguns números e seus possíveis significados relativos à situação do envelhecimento populacional mundial, onde convivem novas e velhas representações de velhice, priorizando uma breve contextualização do velho no cenário capitalista, gerador de uma sociedade desigual centrada no trabalho.

No segundo capítulo, avançamos um pouco mais nas discussões relacionadas à movimentação dos idosos e às respostas da sociedade diante do desafio da construção do envelhecimento saudável, tendo um enfoque nos grupos de convivência e universidades para a terceira idade, como alternativas que se apresentam dentre as várias formas de reação ao envelhecimento sofrido e isolado que ainda acontece com a grande maioria da população.

No terceiro capítulo, inicialmente, apresentamos números relativos aos alunos da UNITI, com o objetivo de observarmos um perfil referente à situação social de seus participantes, bem como buscamos apresentar os índices comparativos entre homens e mulheres cujos dados nos informam sobre: idade, escolaridade, profissão, ocupação, frequência ao projeto, entre outros. Ainda nesse capítulo, empenhamo-nos em descobrir, junto aos idosos, o que significa o processo de envelhecimento para eles e como se vêem diante das representações históricas e socialmente construídas em torno da velhice, num esforço de entender os mecanismos que afastam os homens do convívio social oportunizados por grupos de convivência e universidades para a terceira idade.

O que sustenta este trabalho é acreditar que existem meios de encontrar os homens idosos que não participam de grupos de convivências e universidades para a terceira idade, que foram explorados no decorrer desta pesquisa, procurando entender elementos que têm impedido e/ou poderiam motivar sua maior participação.

Homem idoso, é isso aí ...

Envelhecimento: conceitos e considerações preliminares



CAPÍTULO I

ENVELHECIMENTO: CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

“A velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo” (BEAUVOIR, 1990, p.15)

O envelhecimento é um processo biológico que se inicia no momento em que somos gerados. Mas, paradoxalmente, à medida em que os anos passam, introjetando diferentes valores sócio-culturais, homens e mulheres resistem à velhice e rejeitam o envelhecer, talvez querendo escapar de uma lógica em vigor em nossa sociedade, onde tal processo implica no fato de terem que se tornar uma “nova” pessoa, um indivíduo diferente.

O “velho” que se torna uma “nova” pessoa – esta parece ser uma idéia contraditória. Entretanto, ela ganha sentido se lembrarmos as mudanças que se processam ao longo da vida dos indivíduos, fruto de sua experiência social, do modo de vida que conseguem construir, influenciando e sendo influenciados pelo mundo que os cercam.

A longevidade, traduzida como uma maior duração do tempo que se passa no decorrer na vida, apresenta-se como um processo contínuo, ainda que seja com velocidade desigual em órgãos, tecidos e pessoas diferentes. E essa mesma longevidade, tão desejada pelo homem através dos tempos, impõe novos desafios

que exigem novas direções. A preocupação por ter uma vida saudável e com mais qualidade de vida também contribui para sermos *Kairós*, conforme define Martins (199, p.16) : "[...] somos *Kairós*, isto é um tempo vivido numa determinação consciente e efetiva de nossa existência. Uma consciência que é tempo e que indica novas direções."

Juntamente com o gênero, raça e classe social, a idade é um dos mais importantes fatores de diferenciação social. Habitualmente, identifica-se envelhecimento a partir do declínio de vários processos: biológico, psicológico e sócio-cultural.

O processo biológico do envelhecimento exprime-se através da diminuição do parâmetro fisiológico que ocorre desde o nascimento do indivíduo, mas de forma diferenciada, isto é, de pessoa para pessoa, dependendo da qualidade de vida que cada ser vivencia no decorrer dos anos.

As alterações na aparência nem sempre estão associadas a fragilidades limitadoras ou invalidez, como a cultura faz acreditar.

Também neste mesmo âmbito, o processo psicológico do envelhecimento assume características que se traduzem através de expectativas de comportamentos sociais mais contidos, guiados especialmente por um grau elevado de autocensura.

Na dimensão sócio-cultural, o envelhecimento processa-se sutilmente em meio ao isolamento social/familiar do idoso, contribuindo para o perfil descrito acima.

Segundo Palma (2000, p. 43-44), a questão etária deve ser abordada sob vários ângulos. Temos que considerar o desenvolvimento humano como um

processo que envolve vários aspectos durante a vida. Deste modo, podemos analisar os termos abaixo:

- *Idade cronológica*: é o tempo de vida a partir do momento do nascimento. Tem uma relação marcante com a expectativa de vida de um dado grupo social, sendo considerados velhos todos aqueles que ultrapassam a expectativa média de vida de uma dada população;
- *Idade biológica*: é a condição ou o estado que o corpo apresenta;
- *Idade psicológica*: é a que resulta do somatório de experiências pessoais e de relacionamentos, da riqueza vivenciada e acumulada ao longo dos anos; considerando aspectos cognitivos, pressupõe níveis de maturidade que existem em todas as idades;
- *Idade social*: determinada por regras e expectativas sociais, se relaciona diretamente a papéis que o indivíduo “deve” desempenhar na sociedade; está, mais ou menos, de acordo com a idade cronológica e biológica, com sua rentabilidade como ser social, de tal modo que aquelas pessoas que se afastam das normas esperadas nas idades previstas são consideradas “em desvio”, problemáticas;
- *Idade filosófica*: diz respeito às concepções, aos valores que embasam a vida do indivíduo e demonstram seu ponto de vista moral, ético, espiritual, ou seja, o conjunto de idéias que lhe dão motivos para viver;
- *Idade funcional*: relacionando-se a todas essas idades, considera a cultura na qual a pessoa está inserida, pois esta determina o envelhecimento: se considera a pessoa idosa útil, ela assim o será. Dois fatores são relevantes na determinação da idade funcional: a experiência de vida e as relações sociais

que determinam o envelhecimento a partir de critérios de utilidade segundo a cultura na qual a pessoa está inserida e a filosofia de vida embasadoras de suas experiências;

O que tais aspectos sinalizam é que as discussões sobre o tema “velhice” não podem se restringir apenas à dimensão de um “tempo de vida” ou “uma idade avançada”. A questão é muito mais complexa e nos remete à problematizações de experiências pessoais e sociais que devem ser devidamente contextualizadas em diferentes cenários históricos.

1.1 ALGUNS NÚMEROS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

O envelhecimento mundial coloca-se como um grande desafio para a sociedade e vem sendo abordado mais intensamente desde a última década. Esse fato é observado de forma mais acentuada nos países em desenvolvimento, não deixando de acontecer de maneira considerável também nos países desenvolvidos, nos quais esse processo ocorre de forma lenta, acompanhado de uma evolução econômica, do crescimento do nível de bem-estar e redução das desigualdades sociais. (CAMARANO,1999, p. 7)

As projeções do IBGE, para o ano de 2050, estimam que a população idosa mundial, com mais de 65 anos, será entorno de 20.000.000 de idosos, numa soma equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade.

Os países do continente latino-americano apresentam uma grande diversidade quanto à proporção de idosos, variando de 6,4% na Venezuela a 17,1% no Uruguai; no Brasil, esse número é intermediário, correspondendo a 8,6% da população total.

Segundo o Censo do ano de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, os países europeus apresentam proporções mais elevadas, com cerca de 20% de idosos em sua população.

Os dados acima estão representados, a seguir, na Tabela 1 e Gráfico 1.

TABELA 1
POPULAÇÃO TOTAL E DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE E PROPORÇÃO DE IDOSOS, SEGUNDO CONTINENTES E PAÍSES – 1990/1999

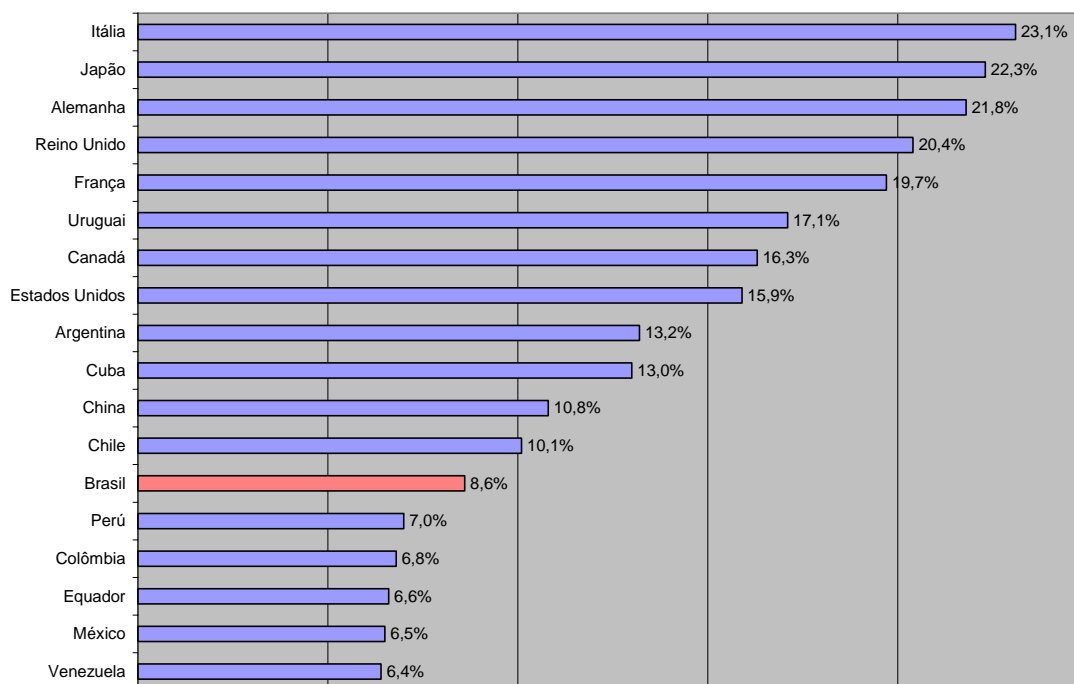
CONTINENTES E PAÍSES	POPULAÇÃO		PROPORÇÃO DE IDOSOS (%)
	TOTAL	de 60 anos ou mais	
ASIA			
China	1 242 799 000	133 954 000	10,8
Japão	126 486 000	28 222 000	22,3
EUROPA			
Alemanha	82 057 379	17 927 000	21,8
França	57 526 521	11 305 622	19,7
Itália	57 563 354	13 299 830	23,1
Reino Unido	59 008 634	12 051 946	20,4
AMÉRICA DO NORTE			
Canadá	30 301 185	4 950 593	16,3
Estados Unidos	280 298 524	44 670 193	15,9
AMÉRICA LATINA			
Argentina	34 768 457	4 584 300	13,2
Brasil	169 799 170	14 536 029	8,6
Chile	15 017 760	1 513 486	10,1
Colômbia	41 589 017	2 813 328	6,8
Cuba	11 065 878	1 439 245	13,0
Equador	11 936 858	792 982	6,6
México	91 158 290	5 969 643	6,5
Peru	24 800 768	1 737 326	7,0
Uruguai	3 313 239	567 565	17,1
Venezuela	23 242 435	1 483 817	6,4

Fonte: Demographic yearbook 1999. New York: United Nations, 1999; IBGE, Censo Demográfico 2000.

¹ Resultado do Censo Demográfico de 2000. FONTE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2000*.

GRÁFICO 1

Proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade em países selecionados - 1990/1999



O crescimento demográfico brasileiro é resultante de uma crescente participação da população idosa, que teve elevadas taxas de crescimento nos anos 50 e 60. A partir daí, o crescimento dessa população continua em ascensão, como afirma Camarano (2002, p.90):

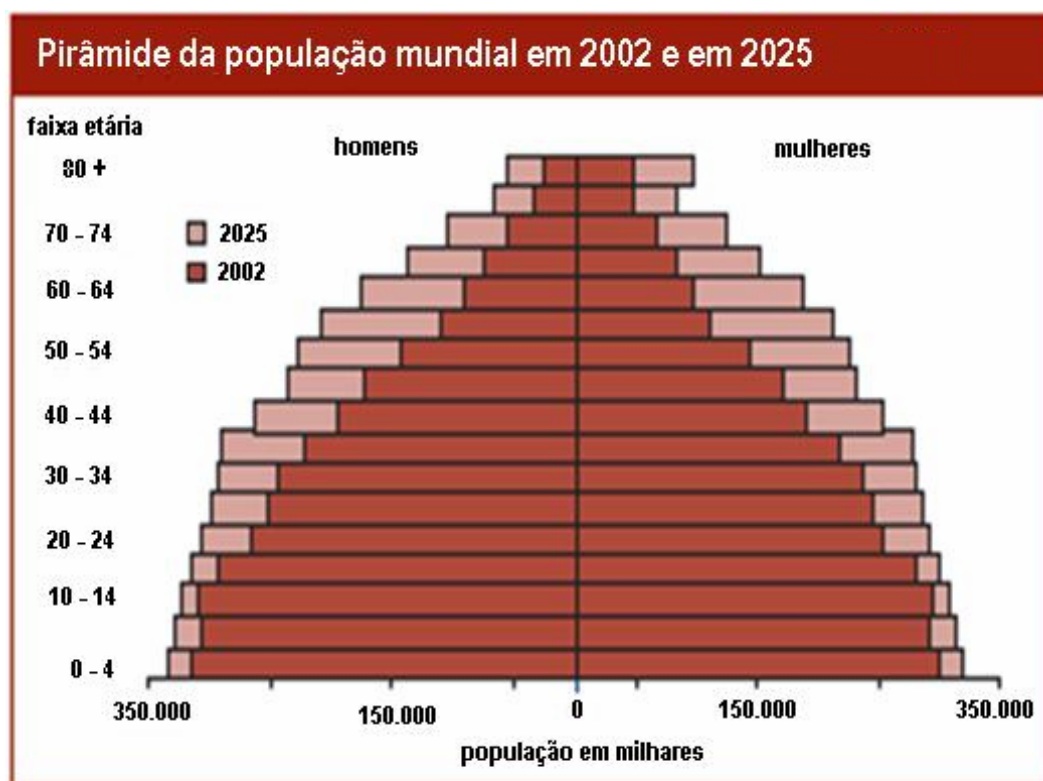
a participação no total da população *idosa* nacional mais do que dobrou nos últimos 50 anos: passou de 4% em 1940 para 8,6% em 2000. Projeções recentes indicam que esse segmento poderá ser responsável por aproximadamente 15% da população brasileira no ano 2020.

Segundo o Censo de 2000, até os anos 80, o Brasil ainda era marcado como um país de jovens, pois, naquela ocasião, contava-se com 16 idosos para 100 jovens. Entretanto, em 2000, decorridas apenas duas décadas, essa proporção passou para 30 idosos, aproximadamente, para 100 jovens, imprimindo ao nosso

país as características de um Brasil mais envelhecido e, nem por isso, mais equilibrado sob o ponto de vista das condições sócio-econômicas de sua população.

A transição demográfica teve uma mudança representativa na pirâmide etária mundial, (GRÁFICO 2), a partir da década de 90. O formato tipicamente triangular, com uma base ampliada, está cedendo lugar a uma pirâmide característica do processo de envelhecimento. Conforme o Censo de 2000, em relação à década de 80, a proporção de idosos era de 6,16%, num total de 7.473.100, referente a uma população de 119.002.706 habitantes. Nos anos 1990, foi constatado que, na população total de 146.825.475 pessoas, houve um aumento de 7,3% de idosos, equivalente a um total de 10.722.705. Neste censo, novos resultados foram apontados em relação à população idosa no Brasil, revelando que, de 169.799.170 residentes no país, 14.536.029 são idosos.

GRÁFICO 2



fonte: Nações Unidas, 2001

Atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais e, para 2050, estima-se que a relação será de uma para cinco em todo o mundo, e de uma para três nos países desenvolvidos. Há ainda projeções de que, nos próximos 40 anos, o número de pessoas com 100 anos de idade ou mais crescerá 15 vezes, passando de 145.000 pessoas, em 1999, para 2,2 milhões, em 2050.

A população idosa com mais de 100 anos, no Brasil, somava 13.865 em 1991, e, em 2000, chegou a 24.576 pessoas, ou seja, um aumento de 77%. Tais dados colocam o Brasil em 13º lugar no cenário mundial e em 5º entre os países da América Latina em população idosa.

Segundo pesquisa feita pela Fundação SEADE², concentra-se no estado de São Paulo o maior número de pessoas com 100 anos ou mais, seguido pela Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Identificando o envelhecimento demográfico por regiões, destacam-se a Região Sudeste e Sul com as maiores populações de pessoas idosas: nas cidades do Rio de Janeiro, com um percentual de 12,8%, e Porto Alegre, com 11,8% da população total. O estado de São Paulo, por sua vez, com índice de 17,6%, apresenta numa amostragem de 1.641.0001 mulheres e 1.345.000 homens na faixa etária de maiores de 60 anos, e 377 homens e 601 mulheres com mais de 100 anos.

Paralelamente, a Região Norte, segundo o Censo, destaca-se como a de maior índice de população jovem, registrando a menor diferença entre os percentuais de pessoas de 0 a 9 anos e de 40 anos ou mais de idade. Também foi a única região que apresentou o contingente de crianças de 0 a 4 anos maior que o de pessoas de 60 anos ou mais de idade.

² Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, 2006

Essas taxas sugerem que o processo de envelhecimento da população brasileira pode estar associado a diversos fatores relacionados a seu modo de vida e a aspectos sócio-econômicos e culturais. Dessa forma, o acesso da população ao progresso da medicina, saneamento básico mais eficaz, sistematização vacinal, cobertura mais ampla dos serviços de saúde, campanha de prevenção de doenças, controle das doenças infecto-parasitárias, intervenção no meio ambiente e o uso dos métodos contraceptivos que auxiliam para o declínio da natalidade, dentre outros aspectos, retratam a diferença da população idosa por regiões.

Além disso é válido lembrar que, como Camarano (1999, p.2), coloca o processo de envelhecimento populacional traz consigo novos elementos de luta que têm exigido dos governantes a busca por posicionamentos políticos que considerem esse fenômeno de maneira séria e prioritária e:

um deles diz respeito às pressões políticas e sociais para a transferência de recursos na sociedade. Por exemplo, as demandas de saúde se modificam com maior peso nas doenças crônico-degenerativas, o que implica maior custo de internamento e tratamento, equipamento e medicamentos mais dispendiosos. A pressão sobre o sistema previdenciário aumenta significativamente. O envelhecimento também traz uma sobrecarga para a família, sobrecarga essa que é crescente com a idade.

1.2 IDOSO E SOCIEDADE NO BRASIL

Sabemos, que viver mais não significa viver com mais qualidade e o conceito de qualidade de vida não se limita somente à padrão de consumo. Hoje, a busca por qualidade de vida tem merecido maiores reflexões e deve ter como meta a igualdade na construção de uma sociedade incompatível com a desigualdade crescente e o processo de exclusão social que vivencia nosso país.

Segundo Ratter (2006, p.28), em nosso mundo, a exclusão social perpassa as políticas com sentimentos de caridade, onde cidadania se confunde com filantropia e os direitos humanos passam a ser vistos como ajuda humanitária.

A exclusão pode ser analisada sob três dimensões: primeira, a dimensão material e objetiva da desigualdade social e econômica; a segunda refere-se à ética da injustiça social e dos preconceitos; e a terceira dimensão, subjetiva, de sofrimentos impostos a milhões de seres humanos.

Em nossa sociedade, o “social” e os problemas sociais são considerados de categoria inferior, subalterna e os gastos com programas sociais até prejudicariam os investimentos “produtivos” e geradores de riquezas.”

Ao pensarmos na palavra exclusão, logo nos vem à mente sua relação com pobreza, com a posse ou não de riquezas materiais. Num contexto de globalização, revolução tecnológica e alteração no papel do Estado, que está deixando de lado as garantias sociais, percebemos que o surgimento do sentimento de exclusão do indivíduo pode ocorrer a partir da comparação entre o que ele tem em relação aos demais indivíduos, independente da satisfação de suas necessidades básicas.

A exclusão também pode ser pensada como resultado da relação entre pessoas que têm domínio do sistema de escrita que, quando querem ser hegemônicas, aproveitam-se daquelas que sabem menos. Embora as transformações sócio-econômicas atuais apontem a exclusão voltada a valores econômicos, é necessário entendê-la e percebê-la nas mais variadas espécies ou categorias de valores, que nem sempre envolvem o valor material, mas o social, e notadamente o valor cultural que é tão importante dentro da questão da velhice: exclusão pelos anos de vida - o idoso é excluído porque é considerado como um inútil, que não serve para mais nada, a não ser para provocar gastos.

A complexidade da questão do envelhecimento e a diversidade dos atores sociais envolvidos exigem análises e estudos interdisciplinares que devem orientar as políticas dos diferentes setores – saúde, educação, trabalho, lazer, administração pública, entre outros.

Ressaltamos que, em nossas reflexões, a exclusão é considerada um fenômeno que não se relaciona exclusivamente a um processo de empobrecimento material, onde o indivíduo se vê na impossibilidade de desfrutar bens e serviços; ela situa-se, acima de tudo, no campo simbólico do não acesso e privações de ordem econômica, social e política, cujos horizontes estão historicamente demarcados, causando sofrimento físico e moral e infelicidade ao excluído.

Os fatores que têm contribuído para a longevidade da população não têm garantido aos contingentes que alcançam uma maior idade condições de uma vida digna e satisfatória para todos. Então, a maioria vê-se diante do prolongamento de suas situações de penúria e do aprofundamento de um processo de isolamento social que se inicia com os primeiros sinais aparentes da velhice.

Segundo Cristovam Buarque (1993, p. 157-158), “[...] a contribuição de cada produto à qualidade de vida passou a ser definida não apenas pelo conforto que ele oferece, mas também pelo grau de inovação que tem”. Portanto, é mais valorizado o novo, o produto de última geração, e com isso o avanço de idade é tido como desqualificação para uma sociedade que enaltece a juventude e marginaliza a velhice.

A velhice, deste modo, sem espaço para uma existência satisfatória, volta-se para si num processo de isolamento, freqüentemente lento e de progressiva perda de contatos sociais gratificantes. Neste contexto de inversão de valores, o que é supérfluo se confunde com o que é essencial, a importância percebida socialmente

de cada um pode estar relacionada diretamente àquele que consegue acompanhar o ritmo das inovações.

Concordamos com Sawaia (2001: p.104), quando afirma que o excluído vive sofrimento ético-político que “abrange múltiplas dimensões do corpo e da alma”, mutilando a vida de diferentes formas e qualificando-o conforme a organização social determinante de seu contexto no grupo em que vive cotidianamente sua existência.

Portanto, este tipo de sofrimento afeta o idoso enquanto categoria socialmente excluída, revelando:

[...] a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (SAWAIA, 104-105)

Observa-se, na questão do idoso, um processo de segregação e de exclusão que tem suas raízes para além de nossa percepção sobre as determinações conjunturais que re-atualizam constantemente limites que demarcam o lugar reservado a cada indivíduo em nossa organização social, enquanto informam o desenvolvimento de valores associados às funções sociais.

Segregação tem sido uma forma de defesa, através da qual a sociedade “livra” seu olhar da doença, dos mortos, dos moribundos, dos velhos, dos desviantes, dos imigrantes, dos delinqüentes, limitando-os em sua capacidade contestatória e isolando-os de contatos exteriores enriquecedores de sentido individual e coletivo.

Frente ao olhar social negativo sobre o envelhecimento, quais as possibilidades do homem vencer os esquemas socioculturais produtores e reprodutores de modelos estereotipados de velhice?

Entendendo cultura numa acepção ampla, enquanto força civilizadora, podemos avaliar o papel que a mesma desempenha na vida social como expressão do:

Conjunto das mediações simbólico-normativas próprias de um dado contexto social, e também como o conjunto das representações, dos valores, das normas e dos modelos de comportamento, dos rituais e das práticas codificadas presentes num determinado contexto social. (CRESPI, 1997:79-80)

Para Benedict (2000 p.63), a cultura tem objetivos que tendem a uma norma de conduta e logicamente, as instituições que a compõem os estimulam. Em se tratando de culturas diferentes, podemos afirmar que estas orientar-se-ão, como conjunto, em direções diferentes.

Se o que interessa são os processos na cultura, a única forma de podermos conhecer o significado do pormenor de comportamento escolhido é vê-lo contra o fundo de motivos e emoções e valores institucionalizados nessa cultura.

A constelação de crenças, valores, representações e técnicas compartilhadas pelos membros de uma comunidade constituem modelos ou padrões aceitos por essa comunidade na construção de categorias que explicam o mundo. No entanto, várias categorias tradicionais do conhecimento tornaram-se pobres para explicar toda a complexidade que envolve o homem em sua trajetória existencial.

Esse mesmo homem, através de seus valores, interesses, necessidades, elabora, experimenta e re-elabora sua cultura, relendo signos tradicionalmente

aceitos, produzindo uma contracorrente, reconstruindo significados, inovando sua maneira de ser, de viver, de estar no mundo. Desse modo, ele se torna co-construtor, partícipe do processo de criação de sua consciência e da realidade social, alterando certezas e modelos na incessante busca por desenvolver um sentido para si, provocando novos diálogos com o mundo, centro movente da história social.

Em meio a uma realidade transformada e transformadora, muito se destaca, hoje, a questão do idoso, (re)construindo a sua identidade através das relações que desenvolve na sociedade, das práticas sociais que vivencia, e do olhar que lança sobre sua realidade como reflexo do olhar que é lançado sobre ele.

Vale destacar que entendemos identidade não como algo estático, cristalizado, definido e que se confunde com idêntico, igual, mas como categoria dinâmica, construída e reconstruída indefinidamente como expressão contundente das contradições e antagonismos que marcam o modo de produção capitalista, no processo das determinações sócio-culturais.

A identidade não pode ser compreendida somente pela sua aparência, sem que se considere seu movimento de construção. Para tanto, a identidade do idoso pode ser pensada a partir de um processo de desvelamento do real que lhe dá concretude, materialidade criando-se e recriando-se no dinamismo de suas relações sociais, afetivas, econômicas e políticas, direcionadas por valores que têm sido construídos numa visão negativa do tornar-se velho.

Segundo Mercadante (2001, p.63),

a identidade de idoso constrói-se pela contraposição à identidade de jovens e, conseqüentemente, tem-se também a contraposição das qualidades: atividade, produtividade, beleza, força, memória, etc.

como características típicas presentes nos jovens e as qualidades opostas a elas presentes nos idosos.

As qualidades atribuídas aos velhos, que vão definir o seu perfil identitário, são estigmatizadas e é uma produção ideológica da sociedade.

E, cada vez mais, a qualidade de vida, que é importante em qualquer faixa etária ou segmento social, vem sendo direcionada como mercadoria a ser consumida por todos, mas, em especial, pelos mais jovens, que possuem vigor e disposição para desfrutar dos benefícios, de possuírem corpos saudáveis, num contexto de valorização do que é capaz de imprimir à sociedade um ritmo mais veloz e inovador de vida.

Atualmente, verificamos uma crescente movimentação de segmentos sociais mais envelhecidos em busca de alternativas de envelhecimento, onde o idoso, em sua maioria mulheres, vem procurando inserir-se nos programas voltados para este segmento etário, numa tentativa de sair da rotina do dia-a-dia, acompanhando a complexidade que o mundo moderno oferece, resultando na possibilidade de melhoria da sua qualidade de vida.

Desse modo, o idoso ganha mais visibilidade e, participando mais ativamente da vida social, vem reinventando modelos de velhice que se afastam daqueles onde o tornar-se idoso é, muitas vezes, sinônimo de isolamento e sofrimento, num processo contínuo de estancamento de sua capacidade de inventar e reinventar seu modo de vida, levando-nos a reflexões que envolvem todas as áreas do conhecimento dirigidas ao processo de tornar-se velho.

1.3 O COTIDIANO DA VELHICE E A QUESTÃO DO TRABALHO

Cronologicamente, a velhice é definida pelo Art. 1º, do Estatuto do Idoso, a partir dos 60 anos.

Art.1º - É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Demarca-se, assim a etapa de vida vista e sentida pela sociedade como um período de dificuldades e perdas, onde o indivíduo possui poucas condições de realizações pessoais e coletivas. No entanto, diferentes leituras e práticas desmentem essa visão declinante.

Segundo Beauvoir (1990, p. 46), observa-se sob diferentes aspectos a questão das idades. Trata-se de um tema que torna-se complexo quando consideramos o indivíduo integralmente em meio às modificações bio-psico-sociais que determinarão o nível de consciência do homem, ou seja:

[...] Moralmente, um indivíduo pode ter sofrido perdas consideráveis antes que se esboce sua degradação física; é possível que, ao longo dessa decadência, ele realize ganhos intelectuais importantes. A que aspecto atribuiremos maior valor? Cada um dará uma resposta diferente [...]. É a partir de tais opções que os indivíduos e as sociedades estabelecem uma hierarquia das idades: não há nenhuma que seja universalmente aceita. (ibid, p.19)

Portanto, a velhice não se representa enquanto um fenômeno homogêneo que foge à história. A situação do velho reproduz, nesta faixa etária, as condições de vida decorrentes do cotidiano das classes sociais.

Atualmente, nossa sociedade, sujeita ao modelo econômico capitalista e marcada por injustiças sociais em seus aspectos políticos, econômicos e sócio-culturais, convive concomitantemente com modelos antagônicos de envelhecimento.

A velhice pode ganhar significados variados quando analisado sob pontos de vistas diversificados e que tem na mídia a propagação de novos sentidos para a velhice: a *terceira idade*.

A expressão terceira idade, muitas vezes empregada como forma de minimizar e subestimar o sentido desagradável que o vocábulo “velho” introjetou, não reflete uma única e determinada realidade. Vem sendo aplicada amplamente, no universo semântico relacionado ao tema do envelhecimento, ainda que não haja uma conformidade quanto ao seu significado.

Passamos por um momento de redefinições, onde conceitos são reformulados, e o termo “terceira idade” ainda deve ser subjugado à validação consensual da sociedade, enquanto conceito que englobe, ainda que momentânea e sincronicamente, perspectivas mais humanitárias para os que envelhecem.

A ONU – Organização das Nações Unidas –, através da resolução 39/25, considerando o indivíduo enquanto ser que produz e consome, apresenta o ciclo da vida em três etapas: primeira idade – a idade improdutiva (das crianças e adolescentes); segunda idade – a população economicamente ativa; e terceira idade – das pessoas que já não produzem, apenas consomem (os inativos), ou seja, estar na terceira idade é situar-se numa etapa de improdutividade no curso da vida. O ingresso na terceira idade, em países desenvolvidos, ocorre a partir dos 65 anos e nos em desenvolvimento, na idade de 60 anos. Este critério econômico de classificação de idades é baseado na idade média com a qual o trabalhador ingressa na condição de aposentado (PALMA; SCHONS, 2000:42).

Diante da passagem do tempo, o indivíduo tem-se relacionado com sua idade de modo a obedecer a padrões culturais de comportamento que se

manifestam, muitas vezes, em estereótipos associados a valores agrupados em torno de características negativas.

Retomando Beauvoir (1999, p.9), vemos que a atitude da sociedade diante do velho é nebulosa, pois não encara a velhice como uma fase em que a idade possa ser nitidamente delimitada. Para a autora, velhice não representa uma realidade definida. Seu começo é mal identificado, variando de acordo com épocas, lugares, culturas.

Os sujeitos não envelhecem de forma igual (LOPES, 2000). Eles constroem suas próprias histórias, com características e dificuldades diferentes. Portanto, não se pode tratar a velhice de forma homogênea, sem levar em conta as suas diferenças. Estas diferenças poderiam ser pensado também a partir das questões de gênero? Mas, onde estariam as diferenças entre homens e mulheres da terceira idade?

Estatísticas revelam que é crescente a idade média de vida dos brasileiros. As pessoas vivem mais, morrendo mais tarde e crescendo, assim, a proporção de idosos no Brasil. Segundo a distribuição percentual do IBGE, conforme GRAFICO 3, a expectativa de vida no país, para homens, é de 62 anos e, para mulheres, de 65 anos.

Estudos demográficos sobre envelhecimento têm demonstrado que as mulheres vivem mais do que os homens constituindo-se como maioria da população idosa mundial. No Brasil as mulheres têm uma expectativa de vida maior que os homens, chegando a viver, em média, mais cinco anos que eles. (NUNES , 2000, p.95)

Com base nos dados dos últimos censos, observam-se importantes diferenciais por gênero entre os idosos, com uma expressiva predominância das

mulheres sobre os homens. Vários estudos já apontaram essa característica como uma das mais marcantes especificidades do grupo.

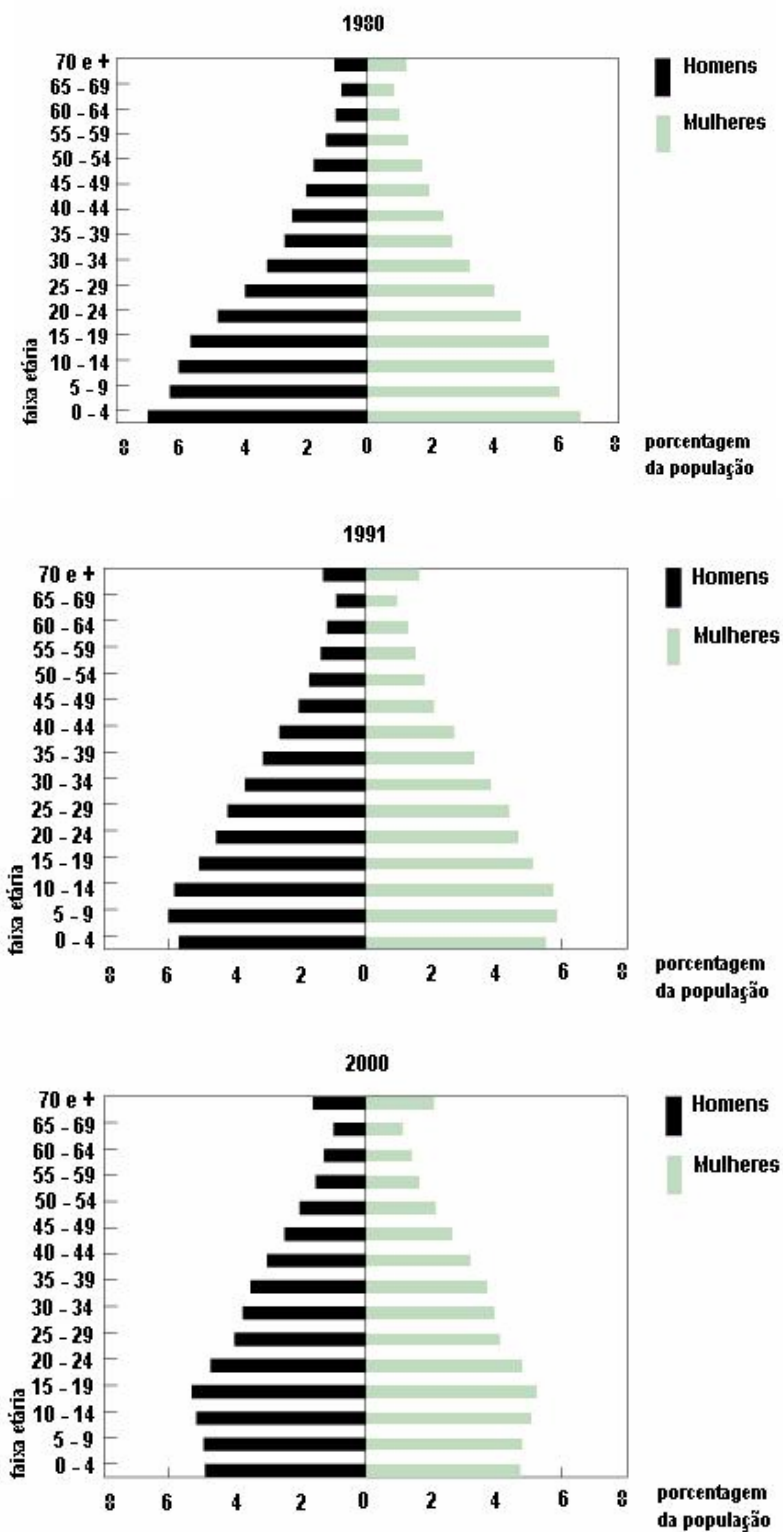
Segundo Veras (1994),

[...]. A maioria dos idosos brasileiros é do gênero feminino. Era de 5,7 milhões em 1991, passando para 8 milhões em 2000, estimando-se um total de 8,5 milhões em 2002, contra um total de 4,9 milhões em 1991, 6,5 milhões em 2000 e 6,9 milhões em 2002 para o gênero masculino.

Como as mulheres vivem mais que os homens, elas têm maiores possibilidades de viverem sozinhas na terceira idade. Em quase todos os países, o número de viúvas é maior que o de viúvos. Nos países periféricos, o número de mulheres que vivem sozinhas é muito menor que nos países desenvolvidos, mas ainda é mais alto entre as mulheres que entre os homens. A maioria dos idosos nos países em desenvolvimento – viúvos ou não – vive com seus filhos. Quanto mais filhos a mulher tiver, maiores são as chances de ela viver com um deles na terceira idade. No entanto, a queda na taxa de natalidade reduzirá essa probabilidade. A dimensão dos problemas que as mulheres enfrentam na terceira idade aumenta, se for levado em conta o fenômeno chamado de "feminização da velhice" .

GRÁFICO 3

Distribuição proporcional (%) da população por sexo e idade.
Brasil, 1980 1991 e 2000.



Fonte: IBGE (1980, 1991, 2000).

O fato das mulheres terem uma expectativa de vida maior que os homens fortalece a condição de viuvez do sexo feminino. Tais mulheres, ao longo de suas vidas, enquanto meninas, aprendem a ser mulher, pois desde a primeira infância lhes é dado um modelo de mulher socialmente adequado: mulher enquanto “sexo frágil”; mulher que nasce para ser mãe; mulher dona de casa; mulher complemento do homem, “sua costela”; subalterna ao chefe da família, o “cabeça” do casal, o que determina as leis da casa (e sociais). No momento em que a velhice aproxima-se, no entanto, a mulher parece sair em busca de outros espaços, onde possa sentir bem-estar, liberdade e auto-realização na velhice, já que sua presença é percebida com mais frequência nos programas voltados para o segmento da terceira idade.

Em oposição à mulher, a história de vida da maioria dos homens (objeto de nossa pesquisa), revela-nos sua posição de chefes de família, reprodutores, inseridos na produção do mundo do trabalho e de responsáveis pela sua manutenção.

Tais considerações remetem-nos a algumas reflexões sobre o mundo do trabalho, suas principais características e implicações.

Em nossa sociedade, o trabalho foi elevado a fator estruturante da organização econômica, política e social; ele não estrutura somente a nossa relação com o mundo, mas também as nossas relações sociais. Por vezes, sua importância é preponderantemente econômica, representada pelo salário, a contraprestação de suor despendido pelo trabalhador durante a execução das suas funções laborativas.

O salário oferecido aos trabalhadores em troca do seu esforço laborativo encontra-se garantido no inciso IV do artigo 7º da Constituição Federal. Este possui como característica um valor mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, ou seja, o valor referido não poderá ter diferenças no território nacional. O salário

mínimo deverá ser suficiente para suprir as necessidades de moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social. Para que essas obrigações sejam cumpridas, os trabalhadores devem estar registrados devidamente nos órgãos competentes, oficializando os empregos formais.

Em geral, o trabalho é analisado através de duas categorias: o trabalho formal e o informal.

Para que o trabalhador faça parte do mercado de *trabalho formal*, as empresas empregadoras oferecem como benefícios garantidos pela lei: Carteira assinada, a proteção oferecida pelo Instituto Nacional de Serviço Social (INSS), Fundo de Garantia do Trabalhador e Servidor (FGTS), Seguro Desemprego e PIS (Programa de Integração Social), PASEP (Patrimônio do Servidor Público).

O trabalho formal não deve ser encarado apenas como o ganha-pão de cada dia, mas como o espaço no qual cada pessoa possa elaborar suas experiências, horizontes e expectativas de vida.

Porém, segundo GALETE (2006), o emprego com carteira assinada nem sempre oferece melhores condições do que aquelas diversificadas ocupações que compõem o *trabalho informal*.

Consideramos trabalho informal aquele onde as pessoas não dispõem de “carteira assinada”, nem direitos trabalhistas. Trata-se do campo dos ambulantes, do trabalho temporário e “ilegal”. Trabalho informal e precário e o desemprego, além de desestruturar a família e a comunidade, impossibilitam pensar o futuro, a carreira, enfim, um projeto individual, da família e da sociedade.

De acordo com Menezes (2004), o *trabalho informal* vem crescendo a cada dia no Brasil, demonstrando a diminuição progressiva das contribuições desses indivíduos à previdência social, além da perda da garantia dos direitos trabalhistas.

Acreditamos que muitos idosos possam se sentir acuados a partir do momento em que se vêem fora do mundo do trabalho, passando a incorporar uma “nova” imagem de inútil, improdutivo, imposta pelos modelos sociais.

As políticas sociais ligadas ao trabalho fixam a idade em que o trabalhador tem direito à aposentadoria: essa idade mostra que o indivíduo não mais contribui para aquele serviço, é a idéia de que já pode “parar”, “descansar”, mesmo que ainda se encontre em condições de produtividade.

Beauvoir (1990, p. 340) nos diz que: “[...] a tragédia da velhice é a radical condenação de todo um sistema de vida mutilador [...] Ao envelhecer, o trabalhador não tem mais lugar no mundo, porque, na verdade, nunca lhe foi concedido um lugar [...]”.

Nossa sociedade contraditória, por um lado, considera a aposentadoria como um direito e uma conquista do trabalhador, depois de muitos esforços físicos, intelectuais ou morais, para vencer uma resistência ou dificuldade, para atingir algum objetivo em anos de trabalho. Por outro, desvaloriza o sujeito após a aposentadoria, que passa a ser visto como improdutivo e, portanto, inútil.

Não há dúvidas de que a aposentadoria configura-se como um direito constitucional à previdência social assegurado aos trabalhadores urbanos, rurais e domésticos, segundo os arts. 6º e 7º da Constituição Federal /1988.

A Previdência Social é o seguro social para a pessoa que contribui. É uma instituição que tem como objetivo reconhecer e conceder direitos aos seus segurados. São vários os benefícios concedidos:

- Aposentadoria por idade (homens, aos 65 anos, e mulheres, aos 60 anos);
- Aposentadoria por invalidez;
- Aposentadoria por tempo de contribuição (homem deve comprovar pelo menos 35 anos de contribuição, e mulher pelo menos 30 anos de contribuição);
- Aposentadoria especial.

Existem dois sistemas previdenciários: Regime Geral de Previdência Social (RGPS) e o Regime Próprio de Previdência Social (RPPS). O Regime Geral é regra para todos os cidadãos do Brasil, independentemente de área de atuação, e o Regime Próprio é exceção e somente pode ser criado para operar a previdência dos servidores públicos titulares de cargos efetivos, desde que observadas as condições legais para seu funcionamento.

Alguns estudos abordam a problemática da aposentadoria como sinônimo de ruptura com o mundo do trabalho e exclusão social. Santos (1990), estudando a relação entre identidade pessoal e aposentadoria, concluiu que existem duas maneiras de encarar a aposentadoria: como crise e como liberdade.

A etapa da aposentadoria que todos anseiam, mas que nem todos conseguem se preparar para vivenciá-la, é uma preocupação para muitos. O salário do aposentado é o direito de uma contribuição beneficiária do trabalhador, com o objetivo de garantir o seu futuro com uma vida segura e tranqüila economicamente,

coisa que muitas vezes não acontece, pois tal contribuição passa a não ser satisfatória para o seu próprio sustento e/ou de sua família.

Além disso, é importante considerar que a aposentadoria também pode influenciar a percepção do sujeito sobre a velhice. Se, o passar dos anos significa para o homem a perda de jovialidade, o envelhecimento físico e do espírito, a aposentadoria pode ser um elemento a mais nesta percepção, acarretando sérias implicações para seu cotidiano.

Neste ponto, cabe-nos, pontuar aspectos que dizem respeito especificamente ao objeto do nosso estudo: a situação do homem que envelhece.

Com o avanço da idade cronológica do homem, aproxima-se a fase da terceira idade, quando ocorre, em geral, a aposentadoria. Na maioria dos casos, é em torno dos 50 a 60 anos que se inicia esta fase em que o indivíduo entra em um processo de adaptação para um outro momento de sua vida: a aposentadoria. Esta traz, embutidos, os estigmas da inutilidade e da improdutividade, podendo acarretar um período de vazio e ociosidade para o qual ele não foi preparado ao longo de sua vida. Além disso, tal momento surge mesmo quando se dispõe ainda de vigor físico e intelectual para exercer atividades produtivas, podendo representar a aposentadoria um período de férias prolongadas ou marginalização.

Se, por um lado, pode haver o sentimento de libertação, de euforia, de ver aproximar-se a hora de realizar sonhos até então adiados, por outro, há também espaço para o surgimento de novas preocupações quanto à própria sobrevivência, como, por exemplo, a provável redução de renda mensal, ou ainda, a insegurança em termos de como ocupar seu tempo agora livre, configurando situações conflitantes, capazes de gerarem e/ou acentuarem a presença de um quadro de

angústia e depressão, alterando o estado físico, mental e social do homem, com possibilidade, inclusive, de levá-lo à morte.

A aposentadoria é mencionada como causa da inatividade, já que “a capacidade intelectual depende do lugar que o indivíduo ocupa no processo produtivo”. Sem trabalho os indivíduos “tornam-se uns mortos-vivos, ficam por aí pelas praças e outros lugares” (HADDAD, 1993, p.19), e se na velhice sente o vazio instaurado com a aposentadoria, é porque no processo de alienação a que estão submetidos, o prestígio ocupado pelo trabalho foi por eles introjetado através do longo processo de educação para a vida produtiva e, conseqüentemente, é por eles próprios reproduzido.

Segundo Frutuoso (1999, p.42):

A aposentadoria pode ser vista como uma faca de dois gumes. A boa ou má qualidade de vida nessa etapa depende de fatores de natureza individual e coletiva. Entre os fatores individuais podemos destacar a saúde, o temperamento e os interesses. Já os coletivos incluiriam elementos sociais, econômicos e culturais. Pela análise de pontos positivos e negativos da aposentadoria, conclui-se que muitas pessoas receiam o encerramento das atividades profissionais.

Muitos idosos ao se aposentarem necessitam voltar para as atividades laborativas por necessidades financeiras, considerando-se que, para grande maioria dos brasileiros, os valores recebidos como aposentado não cobrem as suas necessidades de manutenção e de seus dependentes, levando-os a uma reinserção compulsória, como constatamos na pesquisa que realizamos no decorrer dessas análises, descritas no capítulo III.

Segundo Arendt (200, p.132), para os homens o trabalho é, sem dúvida, uma necessidade humana e própria dessa condição do homem, no sentido de

criação, “satisfação ou realização” propiciando um equilíbrio mental e da saúde, e quando se depara como aposentado é excluído socialmente, levando-o a um asilamento social, físico, mental, isto é, morrendo para a vida, uma “sentença de morte”. Dejours apud Moreira (2001, p.56) nos alerta que “o fato de não trabalhar pode desencadear uma porção de doenças”.

“Que resta aos homens pós-aposentadoria? A inoperância, isto é, a improdutividade, segundo o saber especializado, é a causa *mortis*, o trabalho é a vida.” (BARRETO, 1992, p.217).

A morte é um fenômeno natural que acompanha o ser humano no ciclo da vida, tornando-se mais presente na velhice, vista como sua “vizinha”.

O velho, não tendo mais onde investir em atributo outorgado, cabendo apenas aos jovens o papel de criar e projetar, pode considerar a terceira idade uma fase terminal e não simplesmente mais uma etapa no ciclo da vida.

Beauvoir (1990, p. 324-325), aborda que as mulheres adaptam-se melhor à condição da velhice pois, para elas, “trabalho e existência se confundem”. Suas tarefas domésticas não são brutalmente interrompidas por nenhum decreto. Encontram “na casa e na família, papéis que lhes permitem encontrar ocupação e manter a própria identidade”.

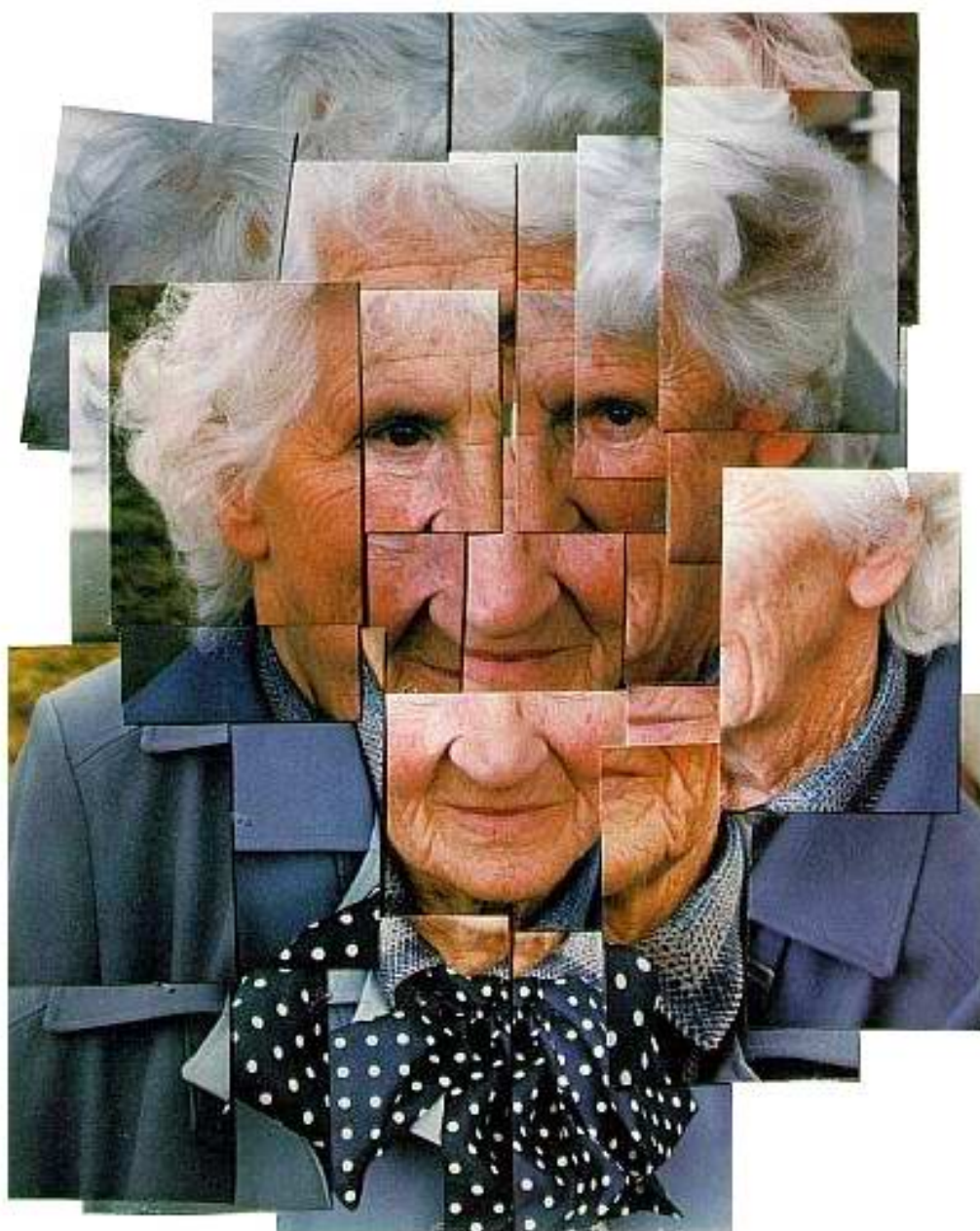
Debert (1999, p.184) relata que “homens e mulheres utilizam mecanismos diversos” para se situarem diante da velhice, mas os programas direcionados à vivência coletiva das experiências, acabam por atrair o universo feminino.

Para as mulheres, o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regado para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras. O próprio do envelhecimento é vivenciar um processo de perdas indesejadas que tornaram a independência e a liberdade possível. (ibid)

Colocamo-nos, assim diante da questão de gênero, no envelhecimento, acreditando que é possível olhar na velhice possibilidades e limites no seu enfrentamento. Se, por um lado, perde-se alguma coisa, por outro, ganha-se outras, instigando questões como: de que forma homens e mulheres sentem esta fase da vida? Como ela é percebida por ambos? Como é vivida?

Considerando que os aspectos sociais, culturais e econômicos influenciam o processo de aposentadoria, contudo, não podemos esquecer que, durante a vida, expectativas, emoções e sentimentos manifestam-se de forma diversificada em diferentes momentos e por isso, não podemos analisar a condição terceira idade/aposentadoria como somente consequência de um limitado processo, mas como a construção de uma história de vida.

Envelhecendo mais e melhor



CAPITULO II

ENVELHECENDO MAIS E MELHOR

“Seremos levados a concluir, como o fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta?” (BEAUVOIR, 1990, p.15)

2.1 OLHANDO A VELHICE: ESPELHO... ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS VELHO DO QUE EU?

O fenômeno da velhice revela-nos aspectos que se encobrem e que não se deixam desvelar através de um olhar menos profundo ou de uma análise mais superficial.

Os estereótipos associados à velhice, enquanto um processo contínuo de perdas, de incapacidade e de improdutividade, vêm se direcionando para uma tendência contemporânea que põem em evidência a reconceituação do significado de velhice, através de reavaliação no comportamento e na identidade das pessoas idosas.

Para Paz (2000), as visões de velhice, ainda que carregadas de simbolismos, estão unidas à realidade e ao cotidiano. Muitas imagens, já consagradas sócio-culturalmente e apresentadas através de poesias, músicas, filmes, etc. vêm contribuindo, de forma marcadamente negativa, para “fomentar a

produção ou reprodução de estereótipos sobre o sujeito velho” (ibid, p.48), embora, em alguns momentos, verificamos elementos positivos associados ao envelhecimento, como a sabedoria, por exemplo, que, em geral, é uma característica de velhos e sábios personagens. Assim, positiva ou negativamente, vamos assimilando idéias sobre o que seja envelhecer em nossa sociedade, como é revelado na canção de Fátima Guedes no Long Play: Lápis de Cor, EMI/Odeon, 1981, “NO FIM DA CASA”, onde, predomina a imagem do velho que não se renova.

NO FIM DA CASA

O quarto do meu avô
Já se sente um quarto morto, já
Muito embora vivo ele esteja aqui
Nem sabe quão morto ele vive lá
O quarto do meu avô
Tem uma cama que desarma
Na mesinha um retrato e uma flor
Que ele usa como arma
E conta e reconta e torna a contar
Os casos do tempo moço
Heróis das horas de jantar
O mesmo herói da história do almoço.
O quarto do meu avô
Tem um velho armário enorme
Tão grande que inibe um sonhador
E ele nem cochila enquanto dorme.

O quarto do meu avô
Tem a extensão que a noite corta
Tão escuro que não te enxerga a dor
Tão profundo que não te abre a porta
E reza e reveza a Prece das seis
Quem nunca foi religioso
Agora o que resta de um que foi três
Dos três o mais laborioso.
Quando ele veio pra nós
Trouxe a viuvez no corpo de leão
Trouxe a mala aberta
O orgulho aberto
Pijama, pinico e carrilhão. (PAZ, 1999: p.51)

Em contrapartida, encontramos na poesia de Olavo Bilac o lado positivo do ser “velho”, realçando a possibilidade de uma velhice mais gratificante e feliz.

VELHAS ÁRVORES

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais antigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem livres de fome e fadiga;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo
Aos que padecem.

Nas fábulas e histórias infantis mais antigas, como a da Branca de Neve e da Bela Adormecida, as bruxas e bruxos são pessoas velhas, feias e más, já nas fábulas e seriados de televisão atuais, esses podem até usar recursos e tecnologias mais modernos, mas, visualmente continuam velhos, feios e de roupas escuras, imagens que marcam o imaginário infantil e que perduram negativamente no inconsciente ao longo de sua vida. O resgate de um olhar mais positivo é feito, contudo, através de personagens da literatura infantil brasileira como com “Dona Benta” e “Anastácia”, criações de Monteiro Lobato.

Embora já possam ser percebidas algumas mudanças em relação às imagens da velhice, ainda não foram eliminados do imaginário social diversos conteúdos e significações negativas e, em muitos deles, alguns símbolos ainda se cultivam e se preservam.

A imagem do “novo velho” é relatado por Paz (1999, p. 68), que através do seu simbolismo,

ocupa cada vez mais espaço e maior tempo, tanto das crianças e dos adultos, especialmente aquelas veiculadas pelos meios de comunicação de massas, nas programações infantis. Contudo, outras formas de expressão confrontam o novo e o velho. Fica claro que o velho é para o sistema ocidental de produção capitalista o 'inativo' (improdutivo), e através desta idéia o vilão dos cofres públicos (da Previdência Social), com custo para os trabalhadores ativos, um estímulo ao 'confronto' intraclasse.

Os jovens, ainda valorizados, são alvo predileto do mercado, mas o crescimento da população idosa faz com que se insinuem na direção dos futuros milhões de idosos-consumidores. Não apenas para adquirir a infinidade de artigos da cosmetologia, conservantes, elixir da longa vida, mas também na proliferação de clínicas geriátricas, asilos, spas, clubes especiais de lazer, em geral, com vistas a propagar a idéia de velhice com 'qualidade de vida' ou de 'velhice saudável' [...].

Não há como negar que, mesmo nos dias atuais, muitas imagens são associadas ao velho. Antigas e novas imagens parecem conviver, movimentando-se em um cenário de contradições que define papéis, desenha expectativas, expressando o movimento individual/coletivo.

Inútil, ultrapassado, inativo, assexuado, dependente, acomodado ou rbugento são alguns dos muitos atributos que podemos ver associados ao contexto da velhice. Por outro lado, há espaço também para a valorização da experiência, da sabedoria, da presença ainda ativa e saudável na vida em sociedade. Neste sentido, vale retomar YAZBEK (1993, p. 26) que destaca a cumplicidade, a dialética existente nas relações entre os homens na constituição de sua identidade social: "Identidade que se torna compreensível no jogo da diferença, da alteridade e da dependência recíproca". Recorrendo a Ianni, a autora ainda acrescenta: "a não ser abstratamente, na imaginação sem vida, não há o ser-em-si, ou o eu-em-si. Tudo que é em-si constitui-se na dialética dos espelhos. O eu é sempre a imagem que o eu constrói a partir de sua vivência refletida e defletida do outro." (IANNI, 1987, p. 10 apud YAZBEK, 1993, p. 26)

Tais considerações apontam para o reconhecimento de que um indivíduo é chamado de velho não apenas em função de sua idade, mas também por decisões de um padrão econômico, social e cultural de velhice. Além disso, introjetando tal padrão, os idosos podem tornar-se agentes de sua própria exclusão, podem assumir atitudes que contribuem para tantos estigmas que lhes são atribuídos pela sociedade.

Porém, em meio à realidade restritiva e adversa em que vivem muitos idosos brasileiros, alguns sinais de mudança podem ser observados quando constatamos a preocupação de estudiosos, governantes e legisladores que, através de um aparato legal e educacional, não só buscam proteger o idoso, como também estimular uma série de programas e projetos que objetivam transformação e reversão do quadro de descaso e preconceito que estes experimentam. Toda essa movimentação vem girando em torno de um objetivo comum: envelhecer com mais independência, atividade para que se tenha mais saúde e melhoria da qualidade de vida, desenhando-se um espaço de mudanças e lutas, onde sem dúvida, os próprios idosos têm um importante papel a desempenhar.

Neste ponto uma questão a destacar é o envelhecimento saudável. Trata-se de um conceito é complexo, pois a saúde é consequência de determinantes relacionados a diversos aspectos da vida do indivíduo, como resultado das condições de: meio ambiente, acesso e oferta de serviços de saúde, alimentação, moradia, saneamento, lazer, educação, entre outros. Da mesma forma definir, fora do aspecto estritamente cronológico, quem é idoso, em nossa realidade, deixa-nos diante da necessidade de uma reflexão mais profunda sobre as condições sócio-econômicas tão diversificadas que encontramos num país como o Brasil. São diferentes realidades para diferentes formas de envelhecer. Tal complexidade

também passa pela percepção do que é ser saudável entre os indivíduos da terceira idade. Daí encontramos diversas abordagens a respeito do entendimento do que é envelhecimento saudável.

A Organização das Nações Unidas (ONU) observa que o envelhecimento populacional pode ser uma experiência positiva, desde que seja acompanhado de autonomia, participação e segurança econômica, isto é, com qualidade de vida.

O termo “Envelhecimento Ativo” (WHO,2002) é adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), para expressar este processo, que pode ser aplicado tanto em nível individual quanto coletivo, e recomenda que o idoso deve ser estimulado a utilizar plenamente a sua capacidade física, social e mental de acordo com suas necessidades, desejos e possibilidades, recebendo proteção e cuidados quando necessários.

Segundo a World Health Organization (WHO, 2002), "envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas".

A OMS (2002), apresentou sugestões para implementar um política que estimule o envelhecimento ativo e aponta os sete desafios centrais, associados ao envelhecimento populacional nos países em desenvolvimento, a serem enfrentados pelos governos, instituições privadas, organizações não governamentais e instituições acadêmicas. São eles:

1- A dupla carga de doenças decorrentes da transição epidemiológica – doenças infecto-contagiosas//transmissíveis e doenças crônico-degenerativas (doenças do aparelho circulatório e respiratório, neoplasias, causas externas, etc);

- 2- O aumento do risco de incapacidades;
- 3- A necessidade de provimento de cuidados para a população idosa;
- 4- A feminilização da velhice;
- 5- Desigualdades sociais e questões éticas;
- 6- Questões econômicas relativas ao envelhecimento populacional – aposentadoria, saúde, etc;
- 7- Estabelecimento de um novo paradigma – envelhecimento ativo.

A política proposta apresenta sugestões e recomendações, visando embasar ações em todos os níveis de governo e da sociedade, as quais devem levar em conta os direitos, preferências, necessidades e capacidades das pessoas idosas.

Então, o envelhecimento ativo é definido como a participação do idoso na vida social, cultural, econômica, familiar, espiritual e civil, mesmo após o processo de aposentadoria. Ele tende a aumentar a expectativa de vida saudável e qualidade de vida para todas as pessoas que são classificadas categoricamente na terceira idade, mesmo aqueles mais frágeis que necessitam de cuidados.

Néri (1999, p.113) argumenta que desde os anos 60, a “velhice bem sucedida” está associada ao baixo risco de doença e incapacidade, a uma boa saúde mental, auto-aceitação como velho, bom relacionamento com outras pessoas e no meio em que ele vive, exercícios físicos, trabalho remunerado ou voluntário, autonomia e lazer. Com isso, reconhece-se que uma nova visão de velhice vem surgindo, um sujeito avançando no tempo, uma pessoa participativa inserida no mundo.

Esta tendência, fruto também de um processo gestado nos movimentos sociais, é desencadeada pela emergência do próprio idoso nesses movimentos, ou seja, um novo conceito de velhice vem sendo construído, principalmente, através da busca do idoso por novos espaços de sociabilidade e pela garantia de direitos adquiridos em lei, mas que efetivamente necessitam de legitimação.

O Estatuto do Idoso, no artigo 9º, dispõe que:

é obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

No Brasil, as iniciativas direcionadas à promoção do bem-estar do idoso surgiram no SESC – Serviço Social do Comércio, resultantes do aprofundamento das reflexões e das práticas gerontológicas e do desenvolvimento de ações que estimulavam a participação do idoso e suas potencialidades. A partir das escolas implantadas, na década de 80, foi criado, em Santa Catarina, o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) cujo objetivo era fazer atendimento ao idoso, oferecendo formação de técnicos e voluntários, consultoria a empresas e contribuindo com as prefeituras em projetos de programas de gerontologia (PALMA, 2000).

Também no âmbito da saúde, as discussões aprofundavam-se e, em 1989, foi criado o Núcleo de Atenção ao Idoso do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), com uma ação multiprofissional e interdisciplinar. Este núcleo tinha as suas preocupações voltadas para a implementação de um modelo de atendimento específico às necessidades de saúde do idoso.

Na região Sudeste especificamente no Estado do Rio de Janeiro, foi criado, em 1992, no Hospital Universitário Pedro Ernesto, o Centro de Saúde do Idoso, cuja

proposta era prestar serviços especializados no tratamento de doenças, além de atividades voltadas para a promoção da saúde, com atividades lúdicas e de estímulo à convivência.

A partir dessa experiência, surge então, em 1993, a primeira Universidade para a Terceira Idade – UnATI/UERJ, idealizada pelo Professor Piquet Carneiro, no final dos anos 80, como:

um grande Centro de Convivência voltado para o estudo da população idosa que, além de compreender uma unidade de saúde de referência, pudesse ser um 'lócus' de formação qualificada de profissionais de saúde e áreas correlatas e de produção e disseminação de conhecimento por meio do desenvolvimento de pesquisa. Um centro que prestasse assistência e serviços de diversas naturezas a idosos de diferentes faixas etárias, gêneros, etnia, extratos sociais e níveis educacionais e culturais, sempre guiado pela excelência das alternativas oferecidas. Enfim, um Centro de Convivência e excelência no interior da universidade pública.

No final da década de 90, ampliou-se o leque de instâncias governamentais, universidades e outras instituições que passaram a executar ações e programas direcionados aos idosos. Os objetivos dos programas eram similares aos da universidade abertas e/ou dos centros de convivência.

Outrossim, outros projetos e atividades, na esfera municipal do Estado do Rio de Janeiro, foram sendo desenvolvidos para a população de 60 anos ou mais.

A criação desses programas não só repercutiu em todo o Estado do Rio de Janeiro, como foi um marco importante na evolução da gerontologia educacional no Brasil. As universidades abertas hoje estão presentes nos estados de São Paulo, Pará, Paraná, Ceará, Pernambuco, Goiás, Maranhão, Bahia, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. (DEBERT, 1999: p.167)

2.2. O IDOSO QUE CALA E AS UNITIS QUE FALAM

No contexto das iniciativas citadas anteriormente, um aspecto a considerar é que a idéia desenvolvimentista presente nas políticas públicas sociais do Brasil, desde a década de 50, manifesta-se, aos poucos, também no campo da terceira idade. Através da Lei do Idoso delinea-se a intenção de sua inserção na vida sócio-econômica das comunidades e, para tanto, a referida lei prevê uma série de ações a serem desenvolvidas, principalmente em âmbito regional e local, onde estados e municípios devem definir, através de Conselhos, as prioridades de sua aplicação com a participação da sociedade.

Em 1996, realizou-se em Brasília, D.F., o “I Seminário Internacional sobre Envelhecimento”, iniciativa governamental da qual resultou o “Plano de Ação Governamental Integrado para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso”, e o Decreto n.º 1948, de 3 de julho de 1996, que regulamenta a Lei do Idoso. Esse Plano reconhece a necessidade de proteção social e o cenário atual de crise de atendimento à pessoa idosa, evidenciando a urgência de uma reformulação na estrutura disponível oficial e da sociedade civil, prevendo a implementação de vários programas voltados para a população idosa.

Sem dúvida, essas e outras iniciativas do poder público são dignas de menção. Por outro lado, se este reconhecimento significa um fato positivo para a questão do idoso, revela, no entanto, o lugar social de desamparo que este sujeito ocupa. Além disso, provavelmente, enfrentaremos sérias complicações para a implantação de ações democráticas numa sociedade cuja cultura participativa não vem ocupando destaque no cotidiano de sua população. É preciso vencer o abismo existente entre os discursos políticos e a aplicação concreta das leis na realidade do

idoso. Vivemos, ainda, a perplexidade diante de problemas estruturais que têm levado o Estado a uma situação de crise, com emergência de grandes questões sociais que se aprofundam, se intensificam e ganham novos contornos a nível mundial.

A ação do governo brasileiro busca dar uma resposta à crise do Estado, que não é um fenômeno apenas do nosso país, mas têm alcance mundial. O país está enfrentando o desafio de estabilização da economia para permitir a retomada de investimentos produtivos e a deflagração de uma nova fase sustentada de desenvolvimento (COSTA, 1996:47).

Segundo Debert (1999), houve uma proliferação no Brasil de diversas formas de programas para a Terceira Idade, crescendo as Universidades Abertas para a Terceira Idade e os Grupos de Convivências. Essas categorias de oportunidades voltadas para o idoso são definidas da seguinte forma:

a) Programas de promoção da saúde do idoso – programa com foco multitemático e que contemplam atividades educativas e/ou preventivas (ASSIS; HARTZ; VALLA, 2004).

b) Centros de Convivência – locais destinados à permanência do idoso, em um ou dois turnos, onde são desenvolvidas atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais e de educação para a cidadania³.

c) Grupos Sociais e Filantrópicos – tal como nos grupos de Centro de Convivência, onde são desenvolvidas ações recreativas, cursos, passeios e que também prestam ações de solidariedade àqueles mais necessitados. Esses centros

³ Portaria nº 1.395/GM/MS, de 10 de dezembro de 1999.

podem estar vinculados a instituições religiosas ou filantrópicas⁴, associações de categorias profissionais ou de aposentados. (PAZ, 2000)

Estes programas são espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente. Conseqüentemente, levando-se em conta a representação positiva que essas novas possibilidades trazem para o idoso, a autora considera outro aspecto: o da dependência física e cognitiva, onde estereótipos ainda podem enquadrar idosos nessas condições e eles não sejam classificados como pertencentes ao grupo que experimenta uma velhice bem sucedida e adequada.

Os programas para a terceira idade são considerados por Debert (1999) e Paz (2004) uma forma de politização deste grupo etário, através da troca de informações. No início, os freqüentadores eram homens que consideravam-no um espaço de luta por melhores condições de vida, por meio de rendimentos ou por espaços dignos de moradia, além de desencadear políticas que possibilitavam a institucionalização de fóruns e conselhos de direitos ao idoso. Eram espaços de participação do idoso que possibilitaram novas conquistas sociais.

Percebe-se, hoje, porém, que a participação nesses programas em sua maioria é a de pessoas do sexo feminino. As mulheres também vivenciam com freqüência a solidão, pela saída de casa dos filhos, pela viuvez e por outras situações de isolamento social.

Apesar de tais diferenças, é importante lembrar que o desenvolvimento de programas para a terceira idade, através de atividades realizadas em grupos de convivências e universidades abertas, constituiu-se num importante marco para a

⁴ Define-se filantropia, segundo o Dicionário Aurélio, como instituições sem finalidade de lucro, sustentadas por doações, caridade.

promoção da saúde do idoso, ou seja, o apoio e o reforço ao convívio social do mesmo.

O apoio social tende, entre outras características, a ser fundamental em situações comuns do envelhecimento, isto é, o luto, a aposentadoria e a necessidade de sua (re)inserção à vida na sociedade contemporânea.

Tal (re)inserção é uma das perspectivas trabalhadas pelas Universidades para a Terceira Idade. Estas são espaços, como já mencionamos, compreendidos enquanto programas educacionais e sistemas de representação social que, apostando em uma nova imagem para a velhice, caracterizam-se como um universo de informações articulado a atividades reflexivas, educativas e programações sócio-culturais que objetivam, em geral, estimular e/ou recuperar o dinamismo bio-psico-social do idoso, no seu sentido mais abrangente, ocupando seu tempo livre e ampliando as possibilidades de relações sociais.

Dessa forma, tais Universidades reverteram-se em importantes campos de investigação da Gerontologia, com estudos significativos para a experiência do envelhecimento e para a população em geral.

Palma (2000) define que as Universidades abertas para Terceira Idade foram criadas para:

- que as pessoas idosas possam assumir a tomada de decisões de seus problemas pessoais e coletivos e oferecer-lhes alternativas para melhoria da qualidade de vida;

- colocar a infra-estrutura e ambientes universitários a serviço dos idosos para minimizar a marginalização social, sem discriminar sua idade;

- aprofundar as pesquisas gerontológicas de cunho interdisciplinar tendo a terceira idade como campo de investigadores e /ou investigados.

Segundo Frutuoso (1999), historicamente o lugar da universidade é visto pela população como um espaço a ser ocupado para o aprimoramento intelectual e/ou qualificação profissional na busca da ascensão social.

A Universidade tem se colocado como instituição voltada para o conhecimento que pode ser visto tanto como produto acabado, portanto necessitando apenas ser transmitido, repassado, ou como processo, requerendo a participação dos sujeitos em sua construção. A presença cada vez maior de pessoas da terceira idade no espaço universitário nos leva a concordar com Botomé (1996), quando diz que a função da Universidade não apenas passa necessariamente pela produção de conhecimento de alto valor, mas também precisa revelar e tornar esse conhecimento acessível a um maior número de pessoas possível. Desta forma, a compreensão da natureza da Universidade se confirmará na proporção em que diferentes setores da população usufruam dos resultados produzidos pela atividade acadêmica.

Há uma mística que envolve a questão educacional, constituída pela necessidade de freqüentar uma escola para "adquirir saber", como se o saber da experiência cotidiana não tivesse significados essenciais ao desenvolvimento das potencialidades humanas. É notório que o vínculo institucional escolar pode propiciar um "conhecimento formal", burocrático e necessário ao homem para a entrada no mercado de trabalho em esferas mais qualitativas.

A mística que envolve a educação está, portanto, pautada nas formas e valores que regem nossa sociedade em sua constituição cultural estabelecida entre

os homens; educar-se formalmente tem composto o contexto do ciclo da vida, da infância ao início da fase adulta.

Ao observarmos o desenvolvimento do contexto social humano em sua totalidade, percebemos que a atividade do estudo ocupa um papel central na vida da criança e do jovem, embora hoje o trabalho também venha compondo o cotidiano de muitos; ao adulto, cabem as determinações e as vivências do trabalho até que alcancem o início da fase socialmente considerada improdutiva, onde experiências e potencialidades humanas são desvalorizadas, quando o indivíduo passa a pertencer a um segmento social "diferenciado": ao da terceira idade.

Atualmente, são mais de mil universidades abertas espalhadas por todos os continentes, adotando diversas correntes educacionais e modelos de programas. Destacam-se, nessas iniciativas, os aspectos pedagógicos que seguem o modelo francês ou o inglês. (FRUTUOSO,1999, p.59)

Segundo Debret (1999, p.141), a França e os Estados Unidos foram os pioneiros em programas educacionais para o grupo da terceira idade, contribuindo para o novo período do curso da vida, criando oportunidades para a realização de investigações e experiências de trabalho com indivíduos mais velhos e idosos.

Nos Estados Unidos, a preocupação com o envelhecimento, na década de 1950, pautou-se nos programas destinados aos aposentados ou nos indivíduos que se encontravam em período de aposentadoria, criando cursos preparatórios para esta fase da vida. Nesse mesmo período, cresceu o interesse pelos aspectos do envelhecimento, ocorrendo grande número de publicações na área da Gerontologia. Essas publicações, junto com os programas voltados para esse grupo, reforçaram a capacidade dos idosos de crescerem e se desenvolverem, valorizando, assim, o seu potencial.

Na França, com o aumento da longevidade, nas décadas de 50 e 60, deu-se origem a várias alternativas educacionais para os indivíduos recém- aposentados cujo objetivo era criar serviços de extensão que destinados a ocupar o tempo ocioso das pessoas que se encontravam aposentadas e favorecer as relações sociais entre elas.

O primeiro modelo de Universidade para a Terceira Idade surgiu em Toulouse, na França, em 1973 a partir do professor de Direito Internacional, Pierre Vellas, para quem este espaço deveria representar um modelo de serviço educativo. Daí em diante, as Universidades para a Terceira Idade se transformam num fenômeno que se espalha pelo mundo e passa a concentrar suas atividades no conceito de participação e nas experiências do idoso. (FRUTUOSO, 1999: p.30)

Nos anos 70, as Universidades para a Terceira Idade francesas, centraram-se em um novo projeto: o da participação do idoso através de suas experiências de vidas, preparando-os para intervir nos problemas da sociedade. Nas décadas de 80 e 90, o modelo francês passou a elaborar uma programação baseada na participação, autonomia e integração do idoso.

No Brasil, várias são as instituições de ensino, tanto no âmbito governamental como no privado, que vêm incorporando as Universidades para a Terceira Idade como atividades permanentes, implementadas para o atendimento à demanda do idoso no espaço universitário.

A partir de 1980, podemos confirmar que as universidades começaram a estabelecer um espaço educacional para a população idosa e para profissionais que tinham interesse no estudo do envelhecimento.

O crescente número de Programas e Projetos voltados para o idoso nas Universidades de todo o mundo contribui para uma maior aproximação dessa população do conhecimento acadêmico.

Frutuoso (1999, p.62), aborda que a Universidade para a Terceira Idade surgiu no final do século XX e que

oferece, através de palestras ou similares, oportunidades de estudo a pessoas idosas, ou acesso ao saber mais avançado. Assim, o campus universitário abre suas portas para pessoas que desejam atualização de conhecimento, independente de seu histórico escolar anterior, exigindo apenas que os inscritos saibam ler e escrever e, em algumas, nem tal habilidade é requerida.”

A primeira Universidade Aberta da Terceira Idade na América Latina foi a UNI3, em 1983, do Instituto Superior de Montevideu, no Uruguai, criada após a participação de professores uruguaios na Assembléia Mundial sobre envelhecimento, promovida pelas Nações Unidas em 1982, na cidade de Viena, Suíça. Ela questionava a expressão *terceira idade* e adotou todos os princípios da educação permanente do modelo francês de universidade aberta. Uma de suas características é ser aberta a todas as pessoas sem nenhum limite de idade.

Em Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, o Departamento de Serviço Social do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense, também voltado para as questões que envolvem o processo do envelhecimento, passou a desenvolver debates sobre o tema, em 1992, com a expectativa de criar um espaço voltado para o idoso da região, nos moldes das universidades para a terceira idade. Este espaço será abordado, a seguir, configurando o cenário escolhido para

desenvolvermos algumas indagações, a partir dos recortes efetuados em nossa pesquisa.

Homem idoso ...onde está você?



CAPÍTULO III

HOMEM IDOSO... ONDE ESTÁ VOCÊ?

As pessoas só têm uma idade: a que têm enquanto estão vivas.
A vida é um processo extraordinário, a morte é que é natural.
(SOUZA, 1996, p.6)

3.1. PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES E ALGUMAS ESCOLHAS

A UNITI, objeto de nosso estudo, teve sua origem associada à realização de dois Ciclos de Debates sobre o envelhecimento, iniciados a partir de 1992, sob a coordenação da assistente social e Professora Terezinha Abud, do Departamento de Serviço Social de Campos/ Universidade Federal Fluminense. Com encontros semanais, o propósito inicial de tais Ciclos era refletir com a comunidade alguns temas atuais e, principalmente, aqueles voltados para a velhice e o envelhecimento.

Após dois anos de sua realização e a partir de uma demanda por um trabalho mais consistente voltado para o segmento da terceira idade, detectada com essas experiências, a UFF/Campos criou, em 1994, como Projeto de Extensão, a

primeira Universidade para a Terceira Idade na região Norte-Fluminense, hoje sob a coordenação da Assistente Social Sílvia Sales.

A implantação da UNITI ancorou-se em pressupostos que valorizavam a expansão do conhecimento, ao mesmo tempo em que punham em destaque a inter-relação e a participação dos indivíduos nas questões de interesse da sociedade, abrindo um espaço de reflexão sobre sua condição de cidadão que pode acompanhar e participar das transformações que se processam em sua realidade cotidiana.

Seu currículo tem uma carga horária de 240 horas/aulas, distribuídas em módulos que se desenvolvem duas vezes por semana - às terças e quintas-feiras - no horário das 14 às 17 horas. As disciplinas oferecidas englobam as seguintes temáticas: Meio Ambiente e Qualidade de Vida, Filosofia do Cotidiano, Medicina e Saúde, Atualização em Política e Economia, Direito e Legislação do Idoso, Sexologia na Terceira Idade, Comunicação e Relação Inter/intra-pessoal, Educação Física, Hidroginástica, além de atividades de cultura e lazer.

Aberta à comunidade regional, a UNITI recebe pessoas maiores de 50 anos, de ambos os sexos. Através de aulas expositivas, debates, dinâmicas de grupo, passeios, programações festivas comuns às atividades da UNITI, aborda questionamentos sobre o significado do envelhecer e as expectativas dos alunos perante à vida. São reflexões pertinentes à sua situação no mundo, confrontando teorias com a realidade vivida pelos participantes, na medida em que são provocadas discussões sobre os efeitos do envelhecimento na convivência entre eles e seus semelhantes.

Já em sua primeira turma, a procura superou a expectativa de seus coordenadores. O número dos inscritos ultrapassou o limite de vagas (70 alunos), formando-se, então uma “fila de espera”.

Ao longo de sua implementação, a UNITI já “formou” em torno de 700 idosos, propiciando um contato direto com um grupo de pessoas consideradas “velhas”, de ambos os sexos, que se aproximam do Projeto, na busca por vivências mais positivas numa fase em que o “peso da idade” parece causar preocupações.

Atualmente, a UNITI oferece suas atividades a 50 alunos para o ano corrente e trabalha com dois Grupos de Convivência compostos, cada um, por 100 ex-alunos.

Desde sua criação, começamos a nos interessar pela dinâmica desenvolvida por esta iniciativa e nos aproximamos informalmente do grupo, mantendo contato com seus coordenadores e alguns participantes.

Posteriormente, recebemos o convite para participar da UNITI, ministrando algumas aulas sobre o tema “Comunicação e as relações intra e interpessoal”. A discussão, que foi levada para os alunos da 1ª turma da UNITI, abordava o poder que a comunicação tem sobre as pessoas, a importância do diálogo e os riscos de comunicação que podem gerar conflitos entre as mesmas.

Tais momentos aproximaram-nos ainda mais do grupo, propiciando o desenvolvimento de algumas observações e muitos questionamentos. Percebemos, por exemplo, que a UNITI parecia ser uma experiência positiva no plano de vida desses indivíduos que, em geral, passavam a investir o tempo consigo mesmos de forma plena e enriquecedora.

Verificamos, também, por parte dos idosos, uma freqüente demanda por um espaço onde pudessem encontrar possibilidades de expressão e diálogo reveladores de suas cotidianas e, às vezes, tão complexas, situações vivenciadas por todos e, em especial, por cada um. Nesses momentos, percebemos o desejo de cada um em se pronunciar ou se redescobrir enquanto falante. Este era um aspecto que achávamos relevante enfatizar numa atualidade onde, paradoxalmente, evoluem tecnologias de comunicação num mundo que não favorece uma aproximação solidária e receptiva do homem em relação a seus semelhantes.

Questões variadas eram trazidas pelos participantes, questões estas essencialmente marcadas pela impossibilidade de soluções individuais, que eram minimizadas pelo fato de a maioria dos participantes identificar uma necessidade compartilhada, por expressarem angústias, temores, sonhos e expectativas comuns com pessoas da mesma idade, num espaço onde não se cultivava um clima de opressão e censura.

Observando tal realidade, passamos a nos interrogar a respeito dos efeitos de possíveis mudanças provocadas pela UNITI sobre a natureza humana diante de uma realidade em que o homem, criando e recriando uma infinidade de signos, pode alterar positiva ou negativamente a representação do ser velho em nossa sociedade.

A nosso ver, o idoso não devia apenas ver a vida passar, enquanto aguardava a morte. Devia fazer parte ativa dela, como ator e não como espectador, buscando informações, valorizando sua experiência, discutindo, decidindo, agindo. Será que isso acontecia na UNITI?

Esta era uma questão relevante a ser discutida. Entretanto, o que mais nos chamou a atenção foi a predominância de mulheres à procura, principalmente, de ocupação de tempo ocioso, conquista de novas amizades e reciclagem de

conhecimento, com resultados positivos para sua saúde e qualidade de vida, levando-nos a uma reflexão inquietante sobre o fato da pequena participação de homens nesse Projeto.

Durante os encontros iniciais que tivemos com a turma, chamou a atenção o fato de que, num grupo de 68 alunos, apenas 4 participantes eram homens. Posteriormente, no grupo dos “ex-alunos”, observamos que a ausência masculina era uma característica semelhante a outras UNITIs e grupos de convivência de terceira idade, o que nos levou ao interesse de investigar a causa da participação minoritária dos homens nos grupos de convivência e Universidades para a Terceira Idade, confirmando o que nos dizem Rodrigues e Mercadante, (2006, p.117), quando afirmam que homens e mulheres se relacionam de maneira diferente com o avançar da idade:

Essa diferença na maneira de se relacionar com a velhice que existe entre homens e mulheres, pode ser observada também na frequência aos programas destinados às pessoas idosas. Um exemplo são os grupos de reflexão sobre envelhecimento no SESC/SP. Segundo J. C. Ferrigno, a frequência masculina é bastante inferior à de mulheres [...] (ibid).

Onde estariam os homens? Homens e mulheres experimentavam a terceira idade de forma diferenciada? O que acontecia?

Recorrendo, novamente, a Rodrigues e Mercadante (2006, p. 115), vemos que:

homens e mulheres apresentam características diferentes de envelhecimento e acredita-se que isso se deva mais a fatores culturais do que biológicos. Vale a pena, portanto, entender quais são os elementos que interferem nessa dinâmica, proporcionando diferenças tão marcantes que colocam o homem em situação desfavorável às mulheres na velhice. Acredito que o trabalho e as

relações sociais que por meio do envelhecimento se estabelecem têm uma importância fundamental nesse processo, mais para os homens do que para as mulheres.

Para entendermos melhor a construção dos estigmas que envolvem homens e mulheres no processo de envelhecimento, percebemos que sua origem inicia-se na infância. Os meninos são “programados” para atividades violentas como futebol, lutas, armas que simulam guerras, práticas que não favorecem a expressão de sentimentos; para o gênero feminino, a mulher é preparada no decorrer da vida para estabelecer relações afetivas, além de brincar com situações simuladoras da vida de dona de casa com panelas, bonecas, fogão. Com isso, cabe aos homens a rua e a vida pública e, para as mulheres, a vida afetiva, a casa para cuidar, os netos para olhar, etc.

Constatamos que tais diferenças que permeiam a formação dos homens e mulheres são construídas no decorrer de sua história. Os fatores culturais, sociais, como também o biológico, influenciam para a formação de um envelhecer.

Envelhecemos conforme vivemos, portanto essa questão de gênero influencia de forma marcante a vida do indivíduo na velhice e na aposentadoria.

Pesquisas vêm demonstrando que as mulheres possuem mais vantagens fisiológicas que os homens no processo de envelhecimento, conforme aponta Veras (1994, p.224).

Há três fatores que atingem diretamente a sobrevivência do sexo feminino, diferenciando-se do masculino, tais como:

a) diferença de exposição às causas de risco de trabalho – acidentes de trabalho e outros ocorrem em maior proporção entre homens;

b) diferenças de consumo de álcool e tabaco – produtos associados, principalmente às doenças cardiovasculares, doenças para quais as mulheres têm maior proteção, em relação à isquemia coronariana, por meio dos hormônios femininos;

c) diferenças de atitudes em relação à doença, pois as mulheres são mais atentas ao aparecimento de sintomas de saúde, o que levam-nas a utilizar constantemente os serviços médicos, o que oportuniza diagnóstico precoce, aumentando a expectativa de vida;

e) as mulheres buscam mais a prática do exercício físico.

Para o homem, a diminuição gradativa do contato com o mundo exterior (principalmente do trabalho) faz com que a sua vida social seja reduzida cada vez mais. Muitos de seus amigos falecem, ou se encontram em quadros de enfermidades crônicas ou limitados pelo próprio processo de envelhecimento. Essa solidão quase sempre acarreta a depressão e esta acaba contribuindo para a aceleração do envelhecer. Em contrapartida, quando não submetidos a situações de estresse, os homens mantêm-se, geralmente, ativos e com a auto-estima elevada.

Portanto, as variações do comportamento, próprias das relações humanas, contribuem na construção social das diferenças entre homens e mulheres. Essas diferenças colocam-se como um parâmetro e desafio de análise porque incorporam nas variáveis tradicionais uma preocupação com a questão de gênero.

Procurando obter maior conhecimento sobre o tema, ampliávamos também nossas indagações:

- O que é feito da velhice, em especial da masculina, no processo de aposentadoria e como configura-se sua inserção social após esse processo?

- Qual o significado do espaço universitário na educação continuada junto ao idoso?

- Onde estão inseridos os homens quando se aposentam e porque a minoria procura o Projeto Universidade para a Terceira Idade?

- Quais os motivos da não participação dos homens nos grupos de convivência ou Universidades para a Terceira Idade?

Tais indagações propiciaram a construção de nossa pesquisa e a busca de algumas respostas é nosso propósito, acreditando que os resultados obtidos poderão contribuir para o aprofundamento do debate em torno do tema, alcançando-se um melhor entendimento do envelhecimento na sua relação com a questão de gênero.

3.2. VELHICE: UMA QUESTÃO RELEVANTE

A gerontologia social trata dos aspectos do envelhecimento humano aliados ao fato de que envelhecer é um efeito inerente a todo ser humano. Contudo, a velhice é o resultado do envelhecimento que todo indivíduo vivencia e vem sendo uma realidade circunscrita praticamente a uma parte da população.

Segundo Moragas (2004, p.17):

Os velhos se configuram como uma categoria independente do resto da sociedade, separados como grupo com características próprias. É obvio que partilhem de características comuns, mas o fato curioso é que esta diferenciação supõe maior separação do resto da sociedade do que a experimentada por outros grupos sociais: criança, adultos, operários, funcionários públicos etc.. A velhice separa mais os idosos do resto dos concidadãos do que outros atributos cronológicos ou sociais. Suscita reações negativas e não é somente

uma variável descritiva da condição pessoal, como a aparência física, o estado de saúde, o sexo etc.

O prolongamento da vida humana tem sido, sem dúvida, um ganho coletivo. Mas, ao mesmo tempo, é ameaçador à reprodução da vida social, devido à inviabilidade do sistema político-econômico-social em cobrir os gastos de atendimento aos idosos, transformando, assim, a chegada desta etapa da vida em um problema cada vez mais grave para a sociedade. A velhice passa a ser vista como um malefício, como uma etapa sem futuro, pondo em jogo múltiplas dimensões, que vão desde as iniciativas voltadas para o cálculo dos custos financeiros que o envelhecimento populacional vem trazendo para a contabilidade nacional, até a elaboração de um aparato legal que dê conta das necessidades da população idosa.

O discurso gerontológico atual faz uma revisão dos estereótipos que recaem sobre o processo de envelhecimento, desestabilizando imagens culturais tradicionais. Essa nova imagem vem oferecendo um quadro mais positivo do envelhecimento, sendo caracterizado, em suas múltiplas dimensões, como uma experiência heterogênea.

O desenvolvimento de ações, projetos e programas para a terceira idade, através de atividades realizadas em grupos, tem papéis que condizem com a promoção da saúde, ou seja, o de apoio social e de reforço à rede social. O apoio social tende, entre outros aspectos, a ser fundamental em situações comuns da velhice, ou seja, o luto, a aposentadoria e a realocação involuntária, o esvaziamento de papéis sociais, os quais são tidos como eventos estressores.

Homens e mulheres idosos, em geral, vivenciam experiências de solidão e abandono que, gerando carências materiais e afetivas, podem levá-los a situações

de desespero e falta de sentido para a vida, com sofrimento para corpo e para a alma.

Pensar a velhice e o envelhecimento, portanto, é buscar caminhos para solucionar problemáticas múltiplas que atingem, em geral, homens e mulheres em nossa sociedade.

Este é o contexto de onde emerge nossa pesquisa, configurando sua relevância social e científica. Ao falarmos de velhice, retomamos um tema que vem sendo objeto de inúmeras pesquisas, produzindo reflexões que aprofundam o desvendamento das múltiplas dimensões que compõem esta etapa da vida. Já quando recortamos, para fins de análise, algumas questões relacionadas às vivências do homem idoso, queremos problematizar possíveis particularidades que transitam no cotidiano destes sujeitos.

Lembramos aqui que, no cotidiano de uma pesquisa social, tudo começa com uma inquietação, um incômodo, uma observação. É Rubem Alves (1996, p. 21) que nos diz: "a gente pensa porque as coisas não vão bem". O autor ainda acrescenta:

A ciência se inicia com problemas.
Um problema significa que há algo errado ou não resolvido com os fatos.
O seu objetivo é descobrir uma ordem invisível que transforme os fatos de enigma em conhecimento." (ibid., p. 38)

Estamos, portanto, diante de indagações que procuram respostas, de vestígios que podem sinalizar um caminho a seguir. Mas, isso não é tudo. É importante reconhecermos também que o movimento de produzir conhecimento deve caminhar passo a passo com a possibilidade de provocar ações. Nossa

expectativa inclui, portanto, construir uma maior aproximação com as vivências dos homens idosos, levantando indicações que talvez possam ser incorporadas ao campo das políticas sociais que voltam sua atenção para a terceira idade.

3.3. CAMINHO METODOLÓGICO

Partindo da realidade social enquanto totalidade de dimensões dinamicamente relacionadas e considerando o conhecimento como um processo e não como um fim, nos amparamos em autores que abordam o tema da pesquisa social como André & Lüdke (1986), Queiroz (1988) e Portelli (1997).

Com a postura do pesquisador que tenta fugir das armadilhas de uma posição dominante, optamos por utilizar estratégias de abordagem que nos permitissem, durante todo o processo da pesquisa, o registro das experiências vivenciadas pelos membros da UNITI, focalizando, principalmente, a questão do gênero, buscando apreender significados que mereciam ser interpretados por nossas reflexões, de acordo com a questão central que formulamos: Homem idoso... onde está você?

Em torno desta indagação central, alguns outros questionamentos surgiram, buscando entender as possíveis diferenças que ocorriam no cotidiano dos homens e mulheres idosos, a forma como vivenciavam a velhice, as influências do mundo do trabalho ou não trabalho na configuração de tal cotidiano e os prováveis significados que atribuíam aos Grupos de Convivência e/ou às UNITIs, gerando sua participação ou distanciamento dos mesmos.

Face às indagações formuladas, elaboramos os seguintes pressupostos:

- Homens e mulheres atribuem significados distintos ao processo de envelhecimento, apresentando formas diferenciadas de lidarem com o mesmo;
- Uma vez fora do “mundo do trabalho”, os homens tendem a incorporar mais intensamente uma auto-imagem ligada à idéia de inutilidade/improdutividade;
- As atividades desenvolvidas pelas UNITIs e/ou Grupos de Convivência não atraem o interesse dos homens, não considerando relevantes as particularidades de gênero no planejamento de suas atividades.

Se nosso foco encontrava-se no homem idoso, seria importante localizar tais sujeitos e procurar ouvi-los. Essa, porém, foi a primeira dificuldade encontrada: como localizá-los? Como ter acesso a eles?

Na UNITI e nos Grupos de Convivência que identificamos, eles continuavam em minoria. Verificamos também que, no decorrer dos quinze anos de funcionamento tal projeto, cerca de 700 idosos e envelhecetes⁵ participaram do mesmo, sendo de apenas 4,9% a quantidade de homens que freqüentaram assiduamente o curso, que tem duração de 10 meses, a cada ano.

A alternativa encontrada foi, então, construir uma pesquisa que procurasse associar distintos procedimentos, na tentativa de superar os limites existentes e explorar da melhor forma possível o tema proposto.

Desta forma, nosso projeto percorreu diferentes passos, realizando:

⁵ Termo usado pelo autor Mário Prado, no texto *Você é um envelhescente?*, do livro “100 crônicas”, e significa pessoas com idade entre 45 e 60 anos. Cartaz Editora/Jornal O Estado de São Paulo, 1997, p. 13.

- a. Estudo documental nas fichas de inscrição na UNITI, no período de 1994 a 2006, bem como nos relatórios de avaliação elaborados no final dos anos letivos.
- b. Análise dos registros efetuados em um diário de campo, face à observação participante realizada, acompanhando a trajetória histórica da UNITI, desde sua criação.
- c. Entrevistas semi-estruturadas com 12 idosos pertencentes ao grupo de ex-alunos, sendo 4 homens e 8 mulheres.
- d. Entrevistas semi-estruturadas com 4 homens não participantes de nenhum grupo de convivência da terceira idade, sendo que 2 deles ainda possuem atividades laborativas.

Em relação a tais procedimentos, cabem alguns esclarecimentos complementares. No estudo documental, foi possível levantar dados contidos na ficha de inscrição dos alunos, tais como: identificação pessoal, estado civil, escolaridade, situação no mercado de trabalho, saúde, uso de medicamentos, procurando obter, desse modo, um breve perfil dos alunos. Recorremos a uma amostra do grupo dos ex-alunos, utilizando como critério central os anos ímpares. Outras informações também foram importantes para nós, neste percurso, em busca de entender melhor quem era o idoso que freqüentava a UNITI. Assim, registramos também como estes idosos souberam da existência da UNITI, o que os motivou para se matricularem na Universidade e o grau de satisfação dos freqüentadores, buscando apreender as possíveis mudanças que ocorreram em suas vidas e que tivessem uma relação mais direta com sua participação no Projeto UNITI durante todo o período acadêmico.

No diário de campo registramos, principalmente, a dinâmica de funcionamento da UNITI, como ela “mexia” com os sujeitos que dela participavam. No momento da pesquisa, nossa análise privilegiou as semelhanças e diferenças que identificávamos nas falas e posturas dos homens e mulheres.

Já em relação às entrevistas, tentamos buscar os membros da diretoria dos grupos de ex-alunos e as mulheres que apresentavam uma frequência e participação mais ativas. Eram pessoas que exerciam uma certa liderança no grupo e, por tal motivo, consideramos que poderiam representar seus colegas. Vale também ressaltar que, como o acesso aos homens permanecia limitado, consideramos que, através das mulheres, poderíamos obter as informações procuradas. Tratava-se, na verdade, do olhar feminino sobre a ausência dos homens na UNITI. Um olhar que não substituía a versão dos homens, mas que era o possível para o momento, já que mesmo através de suas esposas, eles se negavam a participar da pesquisa.

Fora do vínculo direto da UNITI escolhemos 4 homens, todos já aposentados, sendo que 2 deles retornaram ao mercado de trabalho. O critério principal foi selecionar pessoas que embora não pertencentes a grupos de idosos tinham algum conhecimento sobre os mesmos e aceitaram nosso convite para participar da pesquisa.

Em todos os casos, as entrevistas foram semi-estruturadas – ou seja, diálogos orientados com os entrevistados, guiado por algumas perguntas abertas, permitindo que eles apresentassem dados mais abrangentes sobre sua relação com o tema proposto.

Para o desenvolvimento do processo de investigação, recorreremos a abordagem quanti-qualitativa, considerando o interesse no aprofundamento da

compreensão do grupo social em estudo, privilegiando a capacidade de refletir melhor sobre a totalidade das questões nas suas múltiplas dimensões.

Procuramos, através de números, ilustrar um breve perfil dos idosos que já participaram da UNITI. Paralelamente, através dos depoimentos de homens e mulheres participantes ou convidados para participarem das entrevistas, privilegiamos a compreensão dos fatos a partir da versão dos sujeitos que os vivenciavam. Consideramos, como Martinelli (1994, p. 14), que os sujeitos são saturados de história e plenos de possibilidades e sua realidade “é conhecida a partir dos significados que por ele lhes são atribuídos [...] Não se trata, portanto, de uma pesquisa com um grande número de sujeitos, pois é preciso aprofundar o conhecimento em relação àquele sujeito com o qual estamos dialogando.”

Na análise e apresentação dos dados, registramos dados estatísticos e falas, procurando construir reflexões em movimentos do abstrato ao concreto, articulando teoria e prática, na direção de elaborar respostas para as questões recortadas na pesquisa.

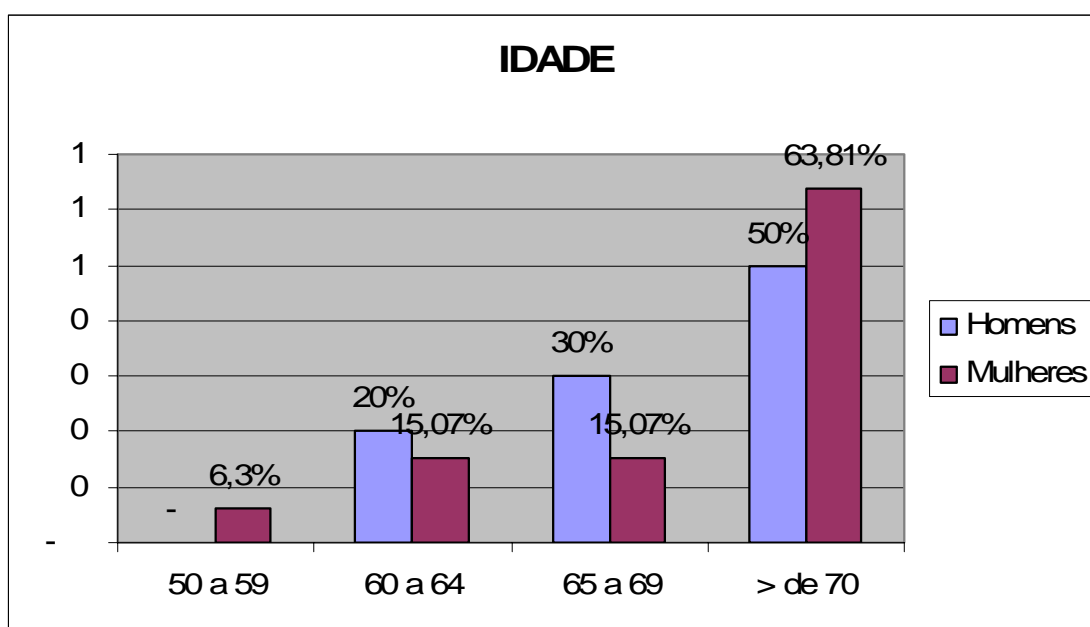
3.4 CONTANDO NÚMEROS

Na análise documental feita através dos relatórios de avaliação e, principalmente, das fichas de avaliação de ingresso e término do curso da UNITI, foram selecionados 209 idosos, sendo que 10 eram homens e 199 mulheres, abrangendo 5 turmas de ex-alunos de anos ímpares. Os dados coletados nos permitiram traçar o perfil social destes ex-alunos.

A maioria desses idosos é do sexo feminino, representando 95,1% do total, sendo que 63,81% encontravam-se na faixa etária superior a 70 anos, quando

ingressaram no projeto. Percebemos, portanto, que apenas 4,9% de homens freqüentaram a UNITI nos últimos 12 anos e todos eram maiores de 60 anos, sendo 50% com 70 anos ou mais. Ao contrário dos homens, 6,3% das mulheres têm se preocupado em buscar a UNITI em idades anteriores àquela demarcada pelo Estatuto do Idoso, ou seja, 60 anos.

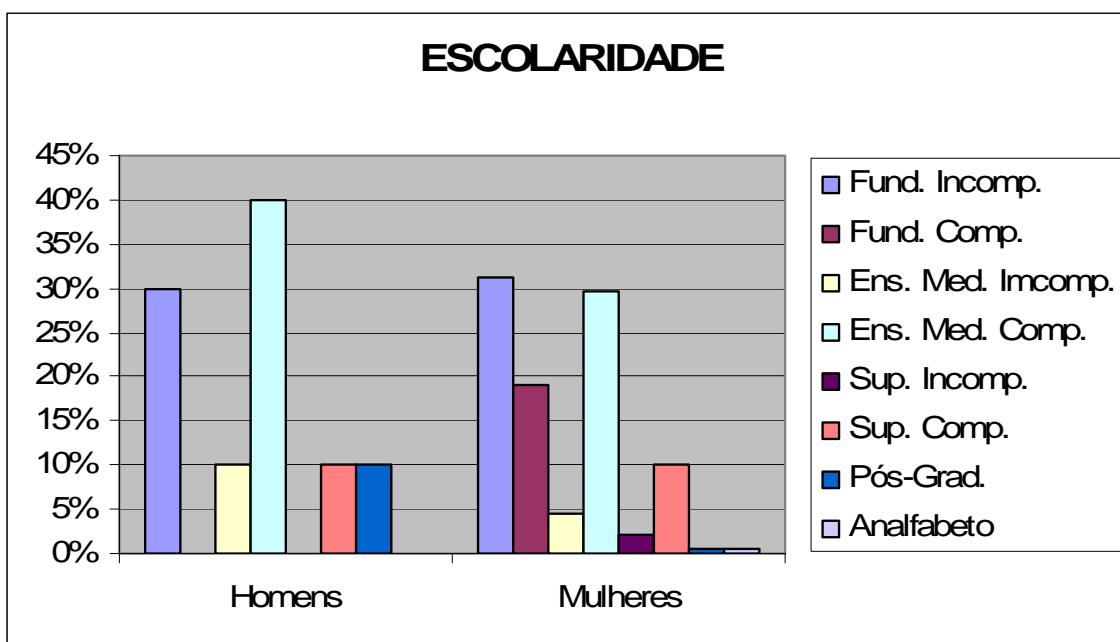
GRÁFICO 4



Vale ressaltar que na primeira faixa, ou seja, de 50 a 59 anos não se registrou a presença de nenhum homem. Na segunda, curiosamente, eles superam as mulheres, não em número de participantes, mas em termos de idade, podendo significar o período imediatamente após a aposentadoria. Já na terceira, a predominância das mulheres, provavelmente reflete a realidade encontrada em nossa sociedade, onde a expectativa de vida é maior no sexo feminino.

Em termos de escolaridade, o que predominou, entre as mulheres, foi o ensino fundamental completo (30,0%), não sendo encontrado índice significativo, para os homens, em relação a esse grau de instrução. Já no ensino médio completo, apresentou-se um índice de 40% para os homens, em oposição a 29,6 % das mulheres. Com relação ao nível superior completo pudemos observar que do universo feminino e do masculino, 10,05% buscaram os bancos acadêmicos universitários. No universo pesquisado – nenhum homem - apenas uma mulher declarou-se analfabeta.

GRÁFICO 5



A profissão das mulheres apresenta um quadro onde predomina: “do lar”, com 38,69%; professora, 33,68%; costureira, 11,05%. O ítem outros, com 16,58%, representa as demais profissões apontadas como: Funcionária Pública, Serviços Gerais, Comerciante, Técnica de Enfermagem, Auxiliar de Escritório, Contadora. Já entre os homens, 30,0% foram policiais, e seu ingresso na UNITI ocorreu em função dos laços de antigas amigas na medida em que, um motivava o outro para

participar. As demais profissões estão distribuídas entre Mecânico (20%), Comerciante (20%), Funcionário Público (10%), Auxiliar de Escritório (10%) e Administrador(10%).

GRÁFICO 6

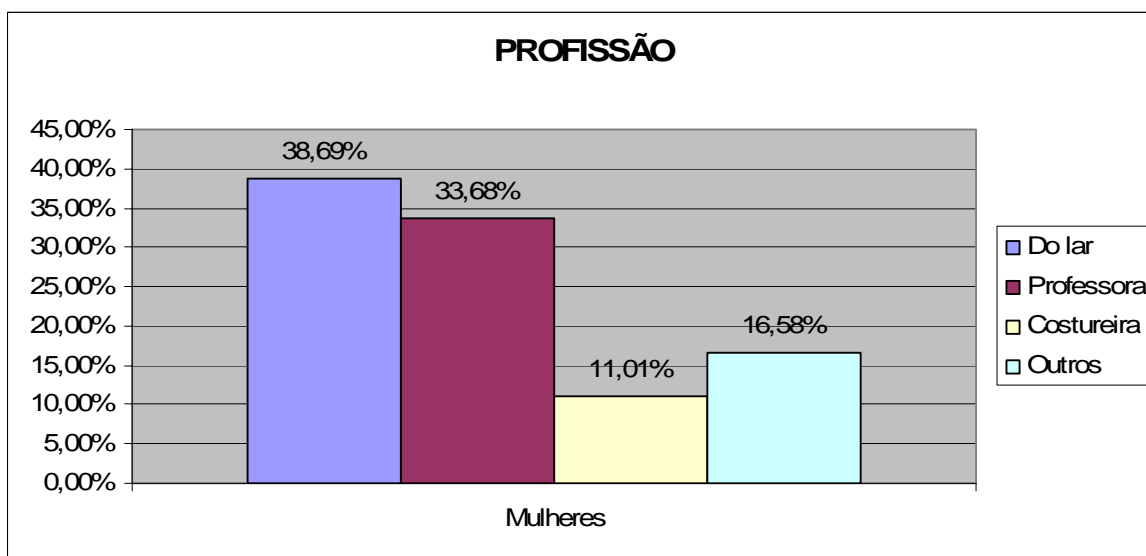
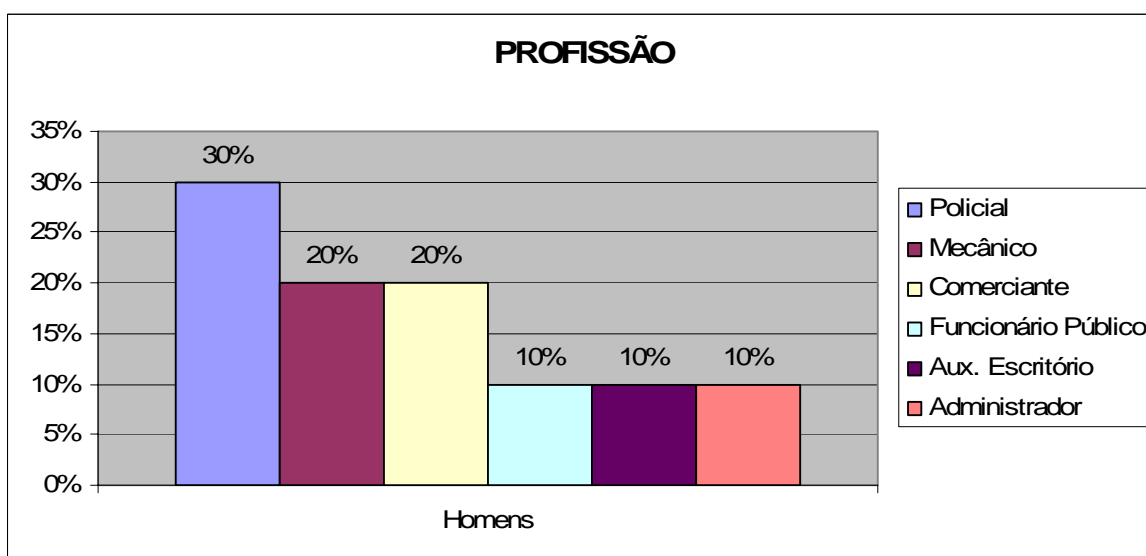
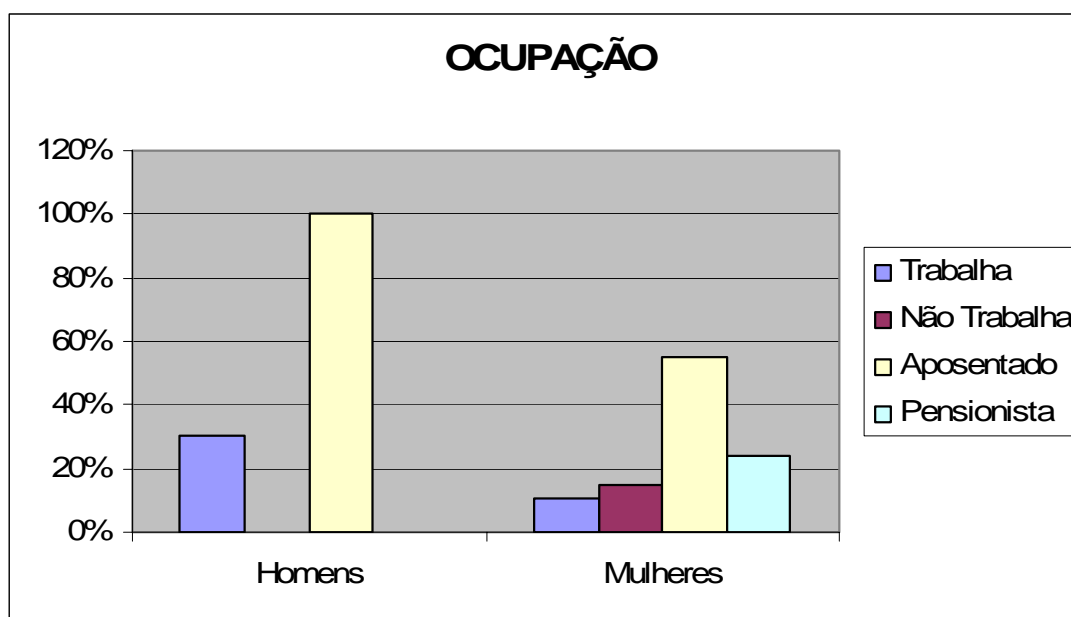


GRÁFICO 7



Na análise da situação de fonte de renda, verificou-se de forma estatisticamente significativa que 100% dos homens eram aposentados, mas 30% destes (re)iniciaram alguma atividade laborativa para complementação da renda familiar e/ou ocupação do tempo. No gráfico que se segue, ilustramos a situação de aposentadoria de todos, mas damos também destaque aos que voltaram ao mercado de trabalho. Das mulheres que buscaram a UNITI, 55,28% são aposentadas, 24,12% são pensionistas, 10,55% continuam trabalhando de forma voluntária, sem remuneração, mesmo aquelas enquadradas nas categorias de pensionista/aposentada, e 15,07% não trabalham, vivem com a renda do marido.

GRÁFICO 8



Verificamos um índice de 84,93% das mulheres com renda própria, enquanto 100% dos homens recebem aposentadoria, embora tenha sido demonstrado que alguns idosos exercem outras atividades como complemento da renda familiar, contribuindo assim, para se sentirem ainda úteis e produtivos.

Segundo SOUZA (2006, p. 92),

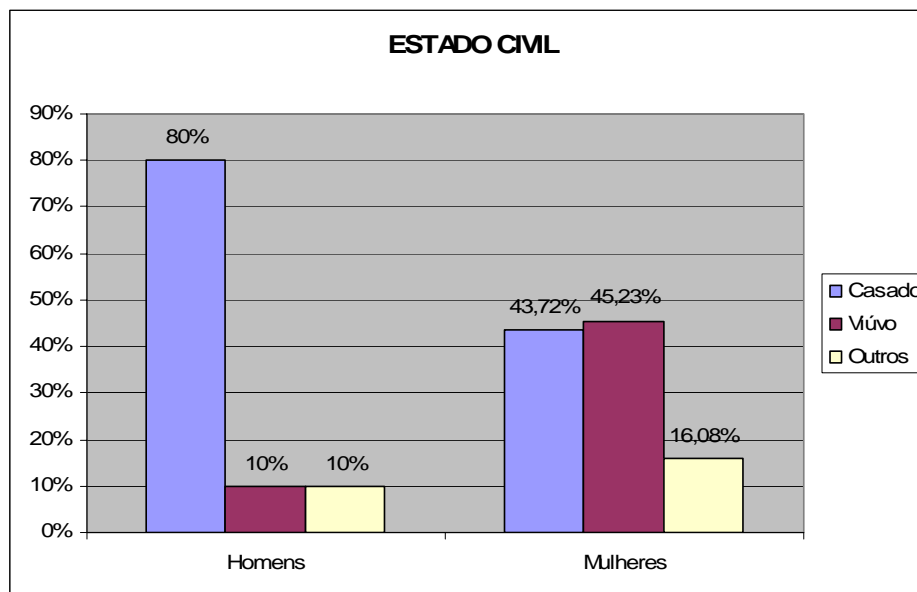
O homem aceita muito mal a questão do envelhecer, cada perda de vigor, da perda da observação feminina e, principalmente, da perda do poder. O homem não aceita com sabedoria essas questões e se debate muito com a perda do poder, da visibilidade de grande chefe.

Quanto à situação conjugal, apresentada no gráfico 9, a maior proporção encontrada entre as mulheres foi de viúvas, com 45,23%. Do universo masculino, nenhum homem declarou viver sem companheira, embora 10% tenham relatado situação de viuvez. Casadas, encontramos 43,72% das mulheres, enquanto 80,0% dos homens declararam não viverem só, confirmando Paschoal (2006, p. 86) quando diz que os homens viúvos realizam uma segunda união com mais freqüência do que as mulheres: "Ao homem viúvo permite-se recasar; à mulher viúva, apenas conformar-se".

Como descreve Veras (2003, p. 7), o índice de viuvez entre as mulheres é maior devido os homens morrerem mais cedo: "como vivem mais que os homens, as mulheres têm mais tendência a viverem sozinhas na terceira idade. Em quase todos os países, o número de viúvas é maior que o de viúvos [...]".

Paschoal (2006, p. 85) relata que: "os homens não ficam sozinhos, ocorre o recasamento masculino, fato permitido e estimulado pela sociedade, possibilidade que, de certa forma, ainda é negada às mulheres".

GRAFICO 9



Na categoria relacionada a problemas de saúde e uso de medicamentos, embora fora encontrado um índice de 40% de homens e 64,82% de mulheres com alguma patologia identificada por eles, o uso de medicamentos ultrapassou esses índices, ou seja, 60% dos homens e 78% das mulheres recorrem a alguma droga, evidenciando uma aceitação “natural” dos problemas de saúde mais comuns na velhice, como insônia, dores articulares, problemas digestivos, reconhecendo, principalmente, como doença, a hipertensão - 30% para os homens e 32,66% para as mulheres.

Os dados pesquisados revelaram os motivos da procura da UNITI e os significados da mesma em suas vidas. A grande maioria revelou que a origem do interesse se encontrou na “propaganda” feita através de parentes e amigos que eram ex-alunos, gerando a expectativa de que esta experiência poderia ser útil para amenizar a solidão ou a depressão, ocupar o tempo ocioso, ou ainda ser fonte de novos conhecimentos e amizades. Tais expectativas vem sendo atendidas, uma vez que o nível de satisfação com a UNITI é grande, como ilustram os seguintes registros:

Depois que vim para a UNITI, sou uma nova pessoa.(ALI, 71 anos, feminino)

Aqui me sinto útil, aprendo, ensino, dou risada, fico séria. Isto é que é vida. (TER, 65 anos, feminino)

Agora consigo me ver dentro da velhice. (JOS, 69 anos, masculino)

Procurando construir um breve perfil dos frequentadores da UNITI, identificamos, em uma aproximação preliminar, que temos um grupo predominantemente de mulheres, numa faixa etária compatível com aquela estabelecida pelo Estatuto do Idoso, ou seja, 60 anos. Sua escolaridade apresenta variações, embora com uma predominância do ensino médio completo para os homens e o fundamental para as mulheres.

Suas profissões também são diversificadas, visto que entre os homens se destacam os policiais e entre as mulheres as atividades domésticas e a categoria de professora. Alguns ainda encontram-se em atividade, remunerada ou não, e outros já são aposentados e /ou pensionistas.

Os homens, em sua maioria, são casados (ou re-casados), enquanto as mulheres são viúvas. Muitos são os motivos que levam os idosos a procurarem a UNITI, motivos estes associados à própria fase da vida em que se encontram. Com suas expectativas atendidas, comprovam o valor de tal iniciativa.

3.5 CONTANDO ESTÓRIAS DA UNITI

“Tomar idade; chegar pouco a pouco ao período mais avançado da vida [...] tornar-se desusado, ultrapassado, obsoleto; perder a frescura, o viço” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 2124) – assim é definido o vocábulo envelhecer em dicionários da língua portuguesa. Já o velho, por sua vez, é aquilo que é antigo, desusado ou

gasto pelo uso. Talvez para suavizar tal imagem, ser velho também pode ser entendido como sinônimo de experiência e sabedoria.

Falamos aqui de representações históricas e socialmente construídas em torno da velhice. Mas, e o velho, como se vê? O que significa o processo de envelhecimento para ele?

Entre as mulheres parece ser mais fácil assumir a velhice e falar sobre ela, mesmo com o reconhecimento de que esta postura foi apresentada no decorrer de sua participação na UNITI:

A UNITI representa muito para mim. Vejo que foi um avanço muito grande na terceira idade. Fez com eu repensasse o que é ser velho e digo mais, como é bom ser velho. (SON, 58 anos, feminino)

Mudanças na minha vida? Muitas. Passei a recuperar e valorizar meu espaço. (MHE, 64 anos, feminino)

Entre os homens, ouvimos depoimentos que sinalizam para uma certa rejeição da velhice por sua associação ao não trabalho. Isto porque:

Se você não trabalha, não vale nada, é um zero à esquerda. (SER, 68, masculino)

Sair de casa, ir para o trabalho dignifica o homem. (SER, 68, masculino)

Poucos são aqueles inseridos nas atividades do trabalho; a maioria encontra-se aposentado. A representação da aposentadoria para esses homens se deu de forma diferenciada. Para uns, o momento de prazer e, para outros, o instante da angústia, segundo as falas dos entrevistados.

Meu marido é aposentado da antiga CERJ. Ao se aposentar, foi chamado novamente para retornar às suas atividades. Com a crise

que a empresa vinha enfrentando, cortou todos os contratos de trabalho após 4 anos. Com a saída do trabalho, entrou numa crise depressiva, se anulou do convívio social, não procurava os amigos só queria saber de ficar trancado em casa. (SON, 58 anos)

Através desse relato, é confirmado que a aposentadoria vem se representando ambigualmente de forma boa ou ruim, como retratam Rodrigues e Mercadante:

A aposentadoria representa ao mesmo tempo uma coisa boa e outra ruim. Boa porque se sente tranquilo por ter uma renda suficiente, embora em outros momentos ele se queixe bastante disso, e ruim porque não há mais um espaço que possa ocupar além da varanda. Ele não sabe (e não procura) como preencher o tempo livre, na medida em que não busca atividades com que possa se ocupar.

Autores como: Debert, Barros, Mercadante, Rodrigues dentre outros, mostram-nos que aposentar significa não ter mais compromisso em desempenhar as atividades laborativas. Isso implica a perda do poder, a perda da condição de ser o provedor da casa, levando a estar mais tempo no lar, espaço que, culturalmente, é ocupado, fundamentalmente, por mulheres. Com isso, a aposentadoria, para os homens, traz consigo um estigma da não produtividade, a diminuição dos ganhos financeiros, através da redução dos seus proventos, com reflexos no seu nível de vida.

A perda do papel de protagonista para o de coadjuvante no cotidiano da vida e até mesmo de homem dependente, configura uma situação conflituosa e angustiante. Percebe-se, também, que a perda do poder como chefe de casa, traz consigo a idéia de proximidade da morte.

Neste contexto, ter chegado ao período da aposentadoria e não trabalhar pode trazer sérias implicações. Alguns buscam com os amigos uma forma de ocupar

o tempo ocioso. Revelam, também, que a praça e o bar da esquina acabam fazendo parte do seu dia-a-dia ou ainda desempenhando funções familiares fora de casa como pagamento de contas, serviços de rua, compras em padarias, supermercados e feiras, compromissos com netos e, até mesmo, o voluntariado em alguma instituição à qual sua esposa esteja ligada na busca de uma utilidade, como diz a Senhora ISA:

Meu marido se aposentou muito cedo e isso mexeu muito com ele. Ele tinha uma vida muito ativa. Quando se viu sem nenhuma atividade, entrou num processo depressivo. Para amenizar a situação, a opção que tivemos foi montar um grupo de amigos para jogarmos buraco. Ele prefere fazer serviço de banco a ir para a UNITI comigo, mas me acompanha quando participo de alguma atividade como voluntária na igreja e aqui mesmo, quando temos eventos.

Não podemos olhar o homem apenas pela perspectiva do trabalho. Compreendemos que vários elementos estão envolvidos nessa questão e que é importante entender que esse homem foi criado em uma cultura que dá a ele a referência de sua masculinidade pela história que ele mesmo construiu.

Aliado à aposentadoria podem ocorrer ainda problemas associados à perda da masculinidade. Estes são fatores que levam o homem idoso a isolar-se, cada vez mais.

Para PH (68 anos), quando se aposentou, foi um momento de desprazer, ficou muito angustiado, depressivo com a situação. No final, ganhou como presente disso tudo uma diabetes e para piorar ainda a situação, devido ao grande número de remédios que ele toma, ficou impotente. Isso foi a morte antecipada para ele. (Sr^a. SON, 58 anos)

Paschoal (2006, p. 88) afirma que, quanto à questão da sexualidade, as opiniões entre homens e mulheres se diferenciam:

Há valorização do físico, da potência, do ato sexual. A impotência preocupa o homem idoso. Manter a função erétil é importante na afirmação da masculinidade. Muitos temem que seu órgão sexual fique inerte e a realização do ato é a certeza de que se é capaz. As mulheres idosas sublimam ou se sentem aliviadas por não necessitarem manter relação sexual. Para muitas idosas, tal relação foi um ato de submissão, sem prazer. [...] As medicações que melhoram o desempenho sexual masculino podem não ser bem-vistas pelas mulheres.

Não resta dúvida que muito ainda há que se fazer para que o homem idoso possa vivenciar a Terceira Idade como uma etapa de vida mais prazerosa. As UNITIs podem ser um caminho. Entretanto, cabe questionar a relação que eles têm construído com tais espaços.

É notório que grande parte das idosas procuram a UNITI em busca de preencher o vazio de suas vidas, recuperando certo “status” que a “universidade” traz consigo perante si e sua própria família, assim como foi de fundamental importância ocupar o tempo devido à viuvez, esvaziamento da casa por casamento de filhos e para fugirem da dependência de netos.

Diferente da classe feminina, os poucos homens que procuram a UNITI não o fazem por iniciativa própria. Eles precisam ser estimulados pelas suas esposas ou companheiras, e sua aceitação está associada tanto à pressão exercida pelas mesmas quanto a fatores como busca de atualização de conhecimentos e preenchimento do tempo ocioso, conforme relata o Senhor JOR (68 anos):

Eu vim para a UNITI através da minha esposa que já fazia o curso. Eu sou mecânico aposentado e todo dia de UNITI eu largava tudo para freqüentar. Foi muito bom para mim, eu me aprofundi nos mais diversos assuntos, cresci, não tenho mais vergonha de conversar com as pessoas. A UNITI me ensinou a conviver com as diferenças dos outros; é muito bom [...]

Quem vivencia a experiência não entende a ausência de outros homens e se expressa de modo empolgado:

Eu não entendo porque os homens não aceitam vir pra cá. Isso aqui é igual a uma cachaça. Vem aqui e não pára mais.

Em contrapartida, o Senhor JO, idoso de 66 anos, não freqüentador da UNITI, que, após sua aposentadoria, retornou à atividade laborativa como Diretor Administrativo de um Centro de Estudos existente na região de Campos, lança seu olhar sobre a UNITI, mas de um lugar de idoso *não participante* de grupos de convivência e de Universidades para a Terceira Idade:

Acho que os poucos homens que freqüentam a UNITI é para não ficar com o tempo ocioso e não adoecer. Trabalhar faz bem para a saúde, mas tem gente que não consegue se inserir no mercado.

O mesmo entrevistado, quando indagado sobre os motivos que levam as mulheres à UNITI, responde, sorrindo, que:

Ah, isso é coisa pra mulher mesmo! Elas gostam de bagunça, brincar de roda; é lugar onde não se aprende nada: cantar, dançar mulher com mulher, voltar a ser criança. É por isso que dizem que velho é igual à criança.

Nosso entrevistado demonstra, através de seu depoimento, sua visão diferente relativa ao significado da velhice para homens e mulheres e parece não dar às mulheres outra alternativa na velhice que não seja voltar a ser criança.

Mas nem todos concordam com o Sr JO, em relação aos motivos que trazem o idoso à UNITI. - Por que o homem vem para a UNITI?

Eu percebo, apesar do homem ser a minoria, o que o leva a freqüentar a UNITI, é buscar novos conhecimentos, acompanhar a esposa que normalmente vem primeiro e para não ficar sozinho em casa, acompanha ela. (NAN, 59 anos, feminino)

Vejo que eles só vêm para acompanhar as suas esposas, mas logo quando começam a freqüentar pegam o gostinho da UNITI e não param mais. (INE, 64 anos, feminino)

Eu posso falar de cadeira, eu quando vim foi quase amarrado, se as minhas irmãs não ficassem me perturbando só para conhecer a UNITI eu não teria vindo. Sou muito tímido e ficava com vergonha. Hoje faço parte do grupo de teatro e não saio mais. Na verdade, o que falta é incentivo para vir, sou muito desanimado. (ADE, 73 anos, masculino)

Para Renato Veras (2003, p.6), essa desproporção relativa à freqüência de homens nos grupos de idosos se deve ao fato de que as mulheres vivenciam mais a solidão, já que a viuvez é muito maior entre elas. As normas sociais e culturais que prevalecem em nossa sociedade levam os homens a se casarem com mulheres mais novas que eles e, quando viúvos, dificilmente permanecem sozinhos, constituindo, assim, uma nova família.

As mulheres por sua vez, logo que ficam livres das responsabilidades e dos papéis maternos, estimuladas pelos meios de comunicação de massa, que pregam a atividade como forma de se manterem jovens, procuram a Universidade para a Terceira Idade como um veículo para protelar o envelhecimento e realizar sonhos de ascensão social que, em algum momento, eram considerados fora de seu alcance, proporcionados pela posse de conhecimento que a universidade oferece. Daí ser tão comum escutar alguma mulher da UNITI dizendo: “Eu, agora, ‘virei’ universitária!”

Nas fichas de avaliação final, distribuídas para os alunos no término do ano letivo, investigamos também “O que a UNITI representou para você?”. Foi do nosso interesse avaliar as possíveis motivações que levaram os alunos a ingressarem na Universidade para a Terceira Idade e quais foram as mudanças detectadas por eles

como conseqüência de sua participação no projeto. Ouvimos, em geral, que a UNITI é uma fonte de renovação e transformação positiva para se viver o cotidiano, principalmente porque as relações intra e interpessoal do idoso tornaram-se mais facilitadas após o ingresso na UNITI, conforme relatos de alguns ex-alunos:

A UNITI representa muito para mim. Ela me fez realmente conhecer o que é a terceira idade, comecei a conhecer junto com as outras pessoas que também freqüentam a UNITI os limites de cada um. Isso foi muito importante para mim, pois encarar o limite dos outros me fez ver o meu. (ISA, 50 anos, aluna da décima turma, feminino)

Eu hoje aprendi a ver o mundo de outra forma, cresci muito. Na UNITI, eu pude me deparar com os mais variados tipos de pessoas de diferentes níveis culturais e aprendi a conviver com as diferenças das pessoas. (JOR, 68 anos, aluno da sétima turma, masculino)

Apesar, de níveis sócio-econômicos diversificados e graus de instrução diferenciados, muitos “alunos” chegam até o Projeto UNITI com desconfiança e intranqüillidade causadas por uma série de circunstâncias vividas de maneira peculiar, mas trazem em comum, entre outras coisas, uma forte demanda por “espaços de palavra”, revelando as dificuldades sentidas em envelhecer.

Eu, quando procurei a UNITI, foi para buscar novas amizades. Não agüentava ficar em casa sozinha, meu marido só chega à noite. Era um vazio para mim. Eu só pensava coisa que não devia. Depois que eu fui para a UNITI minha vida mudou completamente, fico doida para chegar no dia das nossas reuniões. Eu agora posso dizer que sei enfrentar a velhice. Adoro ajudar a UNITI, ela é uma coisa maravilhosa, nem sei explicar. (INE, 64 anos, feminino)

Na Universidade para a Terceira Idade, a repetência deixa de ser algo temeroso vivenciado por homens e mulheres que, espontaneamente, expressam o desejo da continuidade após cada ano em que os participantes freqüentam o Projeto e sentem-se alunos da Universidade. A repetência para eles passa a ter um significado de alegria, vista como possibilidade de permanecer, agora, no Grupo de

Convivência de Ex-alunos, conforme comenta o Senhor. AME, 74 anos (relatório de avaliação final do aluno da primeira turma da UNITI):

Vou me inscrever novamente para cursar a UNITI, afinal de contas não fui um aluno exemplar. Preciso repetir o ano para aprender mais. Não adianta que daqui eu não saio.

Ao freqüentarem os bancos escolares novamente, os idosos, ou os que se “preparam para a velhice”, encontram alternativas de reinvenção de modos de vida e desvinculação de uma identidade correlata à inatividade, à decadência, ao isolamento, embora o reflexo de um padrão de velhice negativo, estereotipado, ainda predomine na sociedade atual, restando ao homem que envelhece, muitas vezes, a obscuridade de uma existência isolada e vazia de sentido cuja marca principal é o calar-se.

As mulheres casadas, quando indagadas a respeito da ausência de seus maridos/companheiros, apresentaram relatos, muitas vezes contraditórios, dizendo que: “ele disse que aqui é lugar de velho...”, ou, em outros casos, ouvimos que “lugar de velho é dentro de casa...”, revelando o caráter dúbio que representa o envelhecimento em nossa sociedade com conseqüente dificuldade, principalmente, para o homem, de se posicionar diante da velhice. Muitos optam por permanecerem em seus lares e não acompanham suas mulheres na busca por uma vida mais significativa além dos limites da família.

"É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice". (BEAUVOIR, 1990, p.324)

Para Beauvoir (1990, p. 9), a atitude da sociedade diante do velho é nebulosa, pois não encara a velhice como uma fase em que a idade possa ser

nitidamente delimitada. Para a autora, *velhice* não representa uma realidade definida. Seu começo é mal identificado, variando de acordo com épocas, lugares, culturas.

Homens e mulheres precisam (re)conquistar sua voz e sua vez, devem assegurar o direito de ter e ser, o que nem sempre é possível, principalmente entre aqueles que acumulam velhice e desligamento do mundo da produção, afastando-se, também, de um convívio social saudável.

Diante de relatos abaixo, podemos perceber, por intermédio da visão feminina, a dificuldade que o homem idoso enfrenta para participar da universidade para a terceira idade.

Em muitos relatos, elas falam deles deste modo:

Ele é muito acomodado. Só faz o que gosta e toda vez que chamo para participar, assistir uma aula comigo, ele nega. Ele diz que não é coisa para ele, não tem nada contra, mas prefere não participar. Acha que é um espaço para mulheres e não para homens. (ISA, 60 anos, feminino)

Quando estava cursando a UNITI, chamei meu marido várias vezes para ir conhecer. Ele me falava: “ali não é lugar para mim, e não estou velho para tal e lá é um lugar que só tem mulheres” (SON, 58 anos, feminino).

Muitas mulheres percebem os sentimentos de tristeza e isolamento que acompanham os homens após seu afastamento do trabalho, quando aposentados, e atribuem a esses sentimentos as principais causas da não freqüência à Universidade para a Terceira Idade.

Através do relato do Senhor JOR, percebe-se a dificuldade que os homens enfrentam para integrar um Grupo de Convivência ou Universidade para a Terceira Idade.

Nós homens somos muito machistas e reconheço que temos muita resistência para encarar um grupo desses. Uma vez fui questionado por um amigo de 82 anos, que me falou: “Você entrou agora no colégio de velho?” e aí falei, para ele: - Você conhece o Campo da Paz⁶? Lá sim, que é a escola de velho, hoje ele está na UNITI também. Percebo que os homens acham que a atividade que eles fazem no decorrer da vida não permite que ele na velhice venha visualizar a sua própria velhice e muito menos freqüentar os grupos de convivências ou a universidade da terceira idade. Isso só vem acontecendo porque vivem num mundinho fechado, limitado, que não se permitem abrir para um novo mundo ou ver novas oportunidades.

A preponderância feminina nos programas destinados a terceira idade, onde as atividades são variadas, difere-se quando o assunto é trabalho. Segundo Debert (1999, p.139), devem-se criar projetos que venham discutir questões relativas ao trabalho, como nas associações de aposentados e sindicatos; nessa situação a característica se inverte, a freqüência passa a ser intensamente de homens.

Para muitos, os grupos de convivências ou UNITIs são locais apenas de mulheres, como menciona o Senhor CAR (65 anos, masculino, aposentado, não freqüentador da UNITI).

Veja só se eu tenho cara de participar de Clube da Luluzinha. Isso é coisa de quem não tem o que fazer, aí vai procurar essa tal UNITI para preencher o tempo que está sobrando.

Quando questionamos sobre a baixa freqüência masculina nos Grupos de Convivências ou Universidade para a Terceira Idade, as mulheres responderam:

Eu acho que eles não procuram esses grupos porque não têm uma divulgação certa. A imagem é de local só para mulheres, brincadeiras, fofocas, etc. (ISA, 60 anos, ex-aluna, feminino)

Eles não vêm para UNITI por falta de coragem, ficam com vergonha, e se dizem tão machos. (INE, 64 anos, ex-aluna, feminino)

Em minha opinião, a pouca participação masculina se dá por eles terem muito preconceito em relação a esses grupos. Dizem sempre

⁶ Nome de um cemitério existente na cidade.

que é lugar para velhos ou para mulheres. Vivo me perguntando eles não vão ser velhos nunca pelo jeito. (NAN, 59 anos, ex-aluna, feminino)

Para os homens ex-alunos da UNITI, a causa da presença minoritária do sexo masculino está atrelada a sua formação cultural, decorrente da vida, e ao preconceito, conforme os relatos:

Sinto que a ausência minoritária dos homens nos grupos ou na universidade para a terceira idade é um problema de cultura. O homem é muito machista, não se aceita nesse tipo de programa, olha que falar em universidade dá até status. (JOR, 68 anos, masculino)

O Homem não vai procurar os grupos por comodismo, muitos preferem ficar em casa, vendo televisão. É mais fácil ele ir pro bar beber cerveja sozinho do que aparecer na UNITI, por exemplo. A vergonha de encarar um bando de mulheres não é fácil. [...] Lembro-me quando entrei na sala pela primeira vez, eu devia estar roxo de vergonha, para a mulherada nem parecia. (ADE, 73 anos, masculino)

Pudemos observar que o preconceito e o machismo são fatores que estão arraigados na maioria dos homens idosos, construído culturalmente no decorrer da sua vida. É imposto ao homem que: “isso é coisa de mulher” e “isso é coisa de homem”.

Segundo Souza (2000, p.51),

O que deveria mudar não é a estrutura das atividades, (que são desempenhadas nos grupos ou universidades para a terceira idade), e sim a cultura que cria o homem de forma a não permitir que participe de trabalhos mais reflexivos e subjetivos embora ache que exista uma total falta de informação e divulgação sobre as reais propostas e atividades desenvolvidas por estes programas para a terceira idade.

A declaração feita pelo Senhor ADE, em relação à reunião de avaliação das atividades desenvolvidas junto com o grupo de teatro e o coral como atividade do projeto, parece confirmar a citação acima:

[...] descobri novos interesses, estou me atualizando e adquirindo novos conhecimentos, hoje também me sinto mais renovado e mais alegre, pois cantar no coral e atuar no teatro representa para mim a realização de um sonho que em minha mocidade sempre apreciei.

Ainda neste relatório, verificamos que 90% dos homens da UNITI participaram do teatro e do coral. Além disso, declaram que tais atividades favoreceram a transformação e mudança no cotidiano de suas vidas, conforme demonstrado:

- 92% dos participantes do grupo avaliaram como positiva a experiência do Teatro/Coral e, para 87,7%, essas atividades podem favorecer um melhor aproveitamento da vida;
- 86% sentem-se mais valorizados, enquanto 67,4% admitem tornarem-se mais auto-confiantes no desempenho do Teatro/Coral;
- Para 90% dos entrevistados, a prática do Teatro e Coral facilita o diálogo nos grupos aos quais pertençam (família, amigos, etc.), encorajando 89,6% para a superação da timidez/inibição no seu dia-a-dia;
- O Teatro/Coral pode significar espaço de aquisição de novos conhecimentos para 95% dos entrevistados, incentivando 79% à elaboração de novos planos de vida (iniciar um novo curso, participar de outros grupos, estabelecer novos relacionamentos);

- 78,3% consideram que essas atividades representam espaços favoráveis à manifestação de sentimentos, expectativas, emoções, pensamentos e opiniões;

Com o teatro, houve um crescimento do meu ser: Mais tolerante, mais generoso, quebrando a inibição, aguçando a criatividade, acrescentando mais beleza à vida. Transformei o ócio enfadonho em ócio criativo. (CLA, 75 anos, ex-aluno, masculino).

Considerando outras atividades realizadas, volta a aparecer a percepção de que a UNITI “é coisa de mulher” e, por isso, para a Senhora MAR (70 anos), a baixa frequência masculina nos programas para a terceira idade é atribuída ao machismo e ao preconceito, conforme percebemos através de seu registro relativo à uma fala de seu marido, em conversa sobre a dança na UNITI, mesmo que esta seja apenas uma atividade eventual:

Isso é coisa para mulheres, vê se vou perder tempo em sair de casa para ver aquelas velhas dançando umas com as outras. Tenho mais o que fazer, parece que não tiveram infância, vira criança. (SER, 78 anos, masculino)

“Virar criança” sugere uma percepção de que as atividades desenvolvidas estão fora de lugar, submetendo o idoso à uma “situação ridícula”, não condizente com a sua idade. Em contrapartida, a infância é uma fase continuamente recuperada e lembrada durante a velhice, resgatando-se histórias vividas que foram valorizadas e deixaram saudades.

Recuperamos assim o campo das representações, onde a velhice precisa reinventar seus sentidos. Se as mulheres já vêm caminhando nesta direção, para os homens o caminho a percorrer ainda parece longo. Cabe a eles redescobrir valores, construir caminhos, desenhar uma outra identidade.

Paralelamente, as políticas direcionadas à terceira idade não podem ignorar as diferenças de gênero. Com isso, pensar em homens idosos pressupõe vê-los com necessidades especiais a serem consideradas em todas as formas de interação, criando programas específicos voltados às questões do envelhecimento masculino.

A velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, que é envelhecer? Esta idéia se acha ligada à de transformação. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, constitui uma incessante transformação. Seremos levados a concluir, como o fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? Certamente não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. (BEAUVOIR, 1990, p. 15)

CONCLUSÃO

É isso aí
Há quem acredite em milagres
Há quem cometa maldades
Há quem não saiba dizer a verdade
É isso, aí, um vendedor de flores
Ensina seus filhos a escolher seus amores
Eu não sei parar de te olhar
Não sei parar de te olhar
Não vou parar de te olhar
Eu não me canso de olhar
Não vou parar
De te olhar.

(Ana Carolina)

O tão desejado prolongamento da vida transforma-se, cada vez mais, em realidade e, ao mesmo tempo, sentimos-nos amedrontados diante dos desafios colocados pelo crescente e elevado número de idosos no mundo, levando o ser humano a imprevisíveis situações de carência de toda ordem.

Sendo a idade um dos mais importantes fatores de diferenciação social, juntamente com o gênero, raça e classe social, observamos que o envelhecimento, quando analisado na dimensão sócio-cultural, dá sinais de que as discussões sobre o tema **velhice** não podem nos remeter apenas a um **tempo de vida**.

Portanto, problematizar esta questão, a partir dos significados que o idoso atribui ao processo de envelhecer, analisando suas experiências pessoais, permitiu-nos observar que esse mesmo idoso – principalmente a mulher idosa -, através de

seus valores e necessidades, (re)elabora estratégias de enfrentamentos diante de uma fase da vida onde alguns sentem-se compelidos na busca por patamares mais distanciados de estereótipos de velhices marcados por dificuldades/limitações e perdas.

Em função dessa busca surgem, entre outras iniciativas, as UNITIs e os Grupos de Convivências, propiciando uma nova representação de apoio e reforço ao convívio social do idoso.

O idoso deve ser respeitado como cidadão, com deveres sim, mas também com direitos. É inútil esperar que os mesmos apenas desempenhem os papéis tradicionalmente aceitos, de viverem na dependência dos filhos, tomando conta de netos, jogando cartas ou dominó em praça pública, ou fazendo crochê, em uma cadeira de balanço.

Eles não devem apenas ver a vida passar, enquanto aguardam a morte. Devem fazer parte ativa dela, como atores e não como espectadores, buscando informações, valorizando sua experiência, discutindo, decidindo, agindo. Precisam (re)conquistar sua voz e sua vez, devem assegurar o direito de ter e de ser, o que nem sempre é possível, principalmente entre aqueles que acumulam velhice e desligamento do mundo da produção, afastando-se também de um convívio social saudável.

Embora percebamos mudanças relativas às representações de velho em nosso meio, preservam-se significações negativas, convivendo lado a lado com outras positivas em um cenário de contradições que insistem na demarcação de papéis sociais, carregados de simbolismos orientadores de idéias e comportamentos.

É preciso vencer o abismo existente entre os anseios humanos de felicidade e a realidade da solidão e isolamento social que muitos homens e mulheres experimentam durante sua maior idade.

É necessário tornar esses espaços mais acessíveis a um maior número de pessoas possíveis, elaborando estratégias que despertem o interesse também de homens, porque eles são os mais ausentes nesses espaços.

As mulheres, de alguma forma, parecem à frente daqueles homens com os quais compartilham o mesmo tempo de vida, quando a questão é o preenchimento de horas (vazias) deixadas pela aposentadoria ou esvaziamento do ninho familiar. Na verdade, a questão não é só ocupar um tempo vago, mas sim, movimentar-se e marcar presença ativa no cenário onde se vive. Neste sentido, principalmente para os homens um caminho para descobertas ainda precisa ser percorrido, já que, sem dúvidas, nem a praça, nem o bar da esquina parecem ser suficientes para propiciar ao homem aposentado uma posição social que lhe confira um status de (auto)dignidade e (auto)valor.

Envelhecemos conforme vivemos, portanto esta questão de gênero influencia marcadamente a vida do indivíduo na velhice e na aposentadoria.

Inicialmente, movidos por uma inquietante curiosidade, lançamo-nos à procura de respostas, ainda que provisórias, mas que projetassem uma luz esclarecedora sobre os motivos da ausência dos homens idosos nas UNITIs e nos grupos de convivência. Para muitos, a participação em grupos de convivência é cercada de preconceitos, sendo classificada como “coisa de mulher”. Como consequência, sua presença não é espontânea, mas decorre, principalmente, do fato de acatarem as influências de suas esposas ou companheiras, ou ainda por indicação terapêutica, em casos de depressão, ansiedade e alcoolismo. Deste

modo, poucos são os que permanecem durante todo o ano no Projeto, evidenciando a grande dificuldade encontrada por eles para aceitarem uma nova experiência de inserção em alguma atividade, no momento em que se vêem fora do cenário do trabalho.

No contexto brasileiro, é necessária uma profunda mudança, não só de mentalidade, como também de execução de práticas sociais direcionadas para o enfrentamento da questão do envelhecimento populacional. Novas abordagens devem surgir, rompendo com o caráter homogêneo de estudos e pesquisas que ainda evidenciam o que há em comum na experiência do envelhecimento, deixando em segundo plano as vivências e problemas específicos com os quais se deparam a mulher idosa e o homem idoso.

Não vou parar de te olhar...

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, R. **Filosofia da ciência**, São Paulo, Ars Poética, 1996.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

BARRETO, Maria Letícia. **Admirável mundo velho**: velhice, fantasia e realidade social. São Paulo: Ática, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Rio de Janeiro, Livros do Brasil, 2000.

BERQUIÓ, Elza. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: DEBERT, Guita Grin; NERI, Anita Liberalesso. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999, p. 11-40.

BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Gestão da universidade**: experiência de pés no chão. *Agora*, v.1 n. 2, 1996.

BUARQUE, Cristovan. Qualidade de vida: a modernização da utopia. **Lua Nova – Revista de cultura e política**. São Paulo: CEDEC, n. 31, p. 157-165, 1993.

CAMARANO A.A. (org.). Muito além dos 60. in: **Os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

_____. **Como vai o idoso brasileiro?** Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CORTÊS; Beltrina; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich; ARCURI, Irene Gaeta Arcuri (orgs.) **Masculin(idade) e velhices**: entre um bom e mau envelhecer. São Paulo: Vetor, 2006.

COSTA, Lúcia Vânia Abraão. Política nacional do idoso: perspectiva governamental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ENVELHECIMENTO POPULACIONAL, 1, Brasília, 1996. **Anais**. Brasília, uma agenda para o final do século. Brasília: MPAS/SAS, 1996. p. 46-64.

CRESPI, Franco. **Manual de sociologia da cultura**. Lisboa: Estampa, 1997.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Velhice e sociedade**. São Paulo: Papyrus, 1999. p.113-140.

FRUTUOSO, Dina. **A Terceira Idade na Universidade**: relacionamento entre gerações no 3º milênio, Rio de Janeiro: Agora das Ilha, 1999.

GALETE, Rinaldo Aparecido. Mercado de trabalho formal dos serviços pessoais e domiciliares no Brasil. **Perspectivas contemporâneas**, v.1, n.1, 2006.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O direito à velhice**: os aposentados e a previdência social. São Paulo: Cortez, 1993.

LIMA-COSTA, M. F.; VERAS, R. Saúde pública e envelhecimento. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, v. 19, n. 3, p.700-701, 2003.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Saúde e velhice**: as interpretações sociais e as reflexões no uso do medicamento. São Paulo EDUC. 2000.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Pesquisa Qualitativa: elementos conceituais e teórico-metodológicos. **I Encontro de Pesquisa do ESR**. Produzir e compartilhar saberes: um compromisso da pesquisa social. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da sociedade e desenvolvimento Regional. – Campos dos Goytacazes: UFF, ESR, 2005.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Trad. Carlos Alberto Siqueira Netto Soares. 3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

MERCADANTE, Elizabeth. A identidade e a subjetividade do idoso. **Revista Kairós**. PUC/SP, São Paulo: EDUC, 1998, ago, v.1, n.1, p. 59-67, ago. 1988.

MORAGAS, R. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

MOREIRA, Maria da Silva. Trabalho e aposentadoria: relatos de indivíduos na terceira idade. In: GOLDMAN, Sara Nigri; PAZ, Serafim Fortes, orgs. **Cabelos de neon**. Niterói: Talento Brasileiro, 2001.

NÉRI, A.L. e CACHIONI, M., 1999. Velhice bem-sucedida e educação. In: NÉRI, A.L. e DEBERT, G.G. (orgs.) **Velhice e Sociedade**, p.113-140. São Paulo: Papirus.

NUNES, A. T.; PEIXOTO, C. **Perfil dos alunos da universidade aberta da terceira idade**. Rio de Janeiro, UERJ, 2000.

PALMA, L.T.S. Universidades da terceira idade, do pioneirismo de Vellas às experiências internacionais e brasileiras. In: **Educação permanente e qualidade de vida**: indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo. Ed.UFP, 2000.

PALMA, Lúcia Terezinha Saccomori; SCHONS, Carme Regina (Orgs) **Conversando com Nara Costa Rodrigues**: sobre gerontologia social. Passo Fundo: UPF, 2000.

PASCHOAL, M. P. P. **Masculin(idade) e velhices**: entre um bom e mau envelhecer. São Paulo: Vetor, 2006.

PAZ, Serafim Fortes et all. **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBCISS; 2000.

RODRIGUES, Carlos.Lima. **Homem de pijama: o imaginário masculino em relação à aposentadoria.** 2000. Tese (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, M. F. S. **Identidade e aposentadoria.** São Paulo: EPU, 1990.

SAWAIA, Bader. Identidade: uma ideologia separatista? In: SAWAIA, Bader (Org.)

As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.

Petrópolis: Vozes, 2001, p. 119-127.

SOUZA, R. P. **Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer.** São Paulo: Vetor, 2006.

VERAS, Renato. **Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso: revisão da literatura e aplicação de um instrumento de detecção precoce e de previsibilidade de agravos.** **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p.705-715, jun. 2003.

_____. **Pais jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/UERJ, 1994.

YASZBEK, M. C. **Classe subalternas e assistência social.** São Paulo: Cortez, 1993.